



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | **SAFRA 2024/25**
12º LEVANTAMENTO

Setembro 2025

volume 12

NÚMERO

12

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA)

Luiz Paulo Teixeira Ferreira

Diretor-Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

João Edegar Pretto

Diretora-Executiva Administrativa, Financeira e de Fiscalização (Diafi)

Rosa Neide Sandes de Almeida

Diretor-Executivo de Desenvolvimento, Inovação e Gestão de Pessoas (Digep)

Lenildo Dias de Moraes

Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Arnoldo Anacleto de Campos

Diretor-Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sílvio Isoppo Porto

Coordenador Técnico

Sílvio Isoppo Porto

Superintendente de Informações da Agropecuária (Suinf)

Aroldo Antonio de Oliveira Neto

Gerente de Acompanhamento de Safras (Geasa)

Fabiano Borges de Vasconcellos

Gerente de Geotecnologias (Geote)

Patrícia Maurício Campos

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira
Cleverton Tiago Carneiro de Santana
Couglan Hilter Sampaio Cardoso
Eledon Pereira de Oliveira
Janaína Maia de Almeida
Juarez Batista de Oliveira
Juliana Pacheco de Almeida
Luciana Gomes da Silva
Marco Antônio Garcia Martins Chaves
Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe técnica da Geote

Eunice Costa Gontijo
Fernando Arthur Santos Lima
Lucas Barbosa Fernandes
Lucas Marçal Romeiro Barbosa
Rafaela dos Santos Souza
Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Colaboradores

Adonis Boeckmann e Silva (Gerpa – algodão), Danielle Barros Ferreira (Inmet), Flávia Machado Starling Soares (Gerpa – trigo), João Figueiredo Ruas (Gefab – feijão), Leonardo Amazonas (Gerpa – soja), Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gerpa – arroz e milho).

Superintendências regionais

Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Distrito Federal, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, São Paulo, Santa Catarina, Sergipe, Tocantins.



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | **SAFRA 2024/25**
12º LEVANTAMENTO

Copyright © 2025 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <http://www.conab.gov.br>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Guilherme Rodrigues e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Capa: Acervo Conab

Normalização

Márcio Canella Cavalcante - CRB 1/2221

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, Brasília, DF, v. 12, safra 2024/25, n. 12 décimo segundo levantamento, setembro 2025.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

CDU: 633.61 (81) (05)

Ficha catalográfica elaborada por Thelma Das Graças Fernandes CBR-1/1843

SUMÁRIO

CLIQUE NOS ÍCONES À DIREITA E ACESSE OS CONTEÚDOS

7	RESUMO EXECUTIVO
13	INTRODUÇÃO
16	ANÁLISE CLIMÁTICA
24	ANÁLISE DAS CULTURAS
24	ALGODÃO
36	ARROZ
45	FEIJÃO
65	MILHO
81	SOJA
87	TRIGO
99	OUTRAS CULTURAS DE VERÃO
109	OUTRAS CULTURAS DE INVERNO
120	APÊNDICE - REVISÃO DA PRODUTIVIDADE DE SOJA

RESUMO EXECUTIVO

A 12^a pesquisa de campo, concluída na última semana de agosto, confirma a produção recorde de grãos já sinalizada nas estimativas anteriores, projetando um volume de 350,2 milhões de toneladas. Esse resultado representa um crescimento de 16,3% (49,1 milhões de toneladas) em relação à safra passada. Ressalta-se que, neste levantamento, a Conab realizou ajustes na produção de soja das últimas safras mediante mapeamentos e da revisão da produtividade, conforme descrito no apêndice deste boletim.

O expressivo crescimento na produção é atribuído à expansão de 1,9 milhão de hectares na área cultivada e às condições climáticas favoráveis, sobretudo no Centro-Oeste, com destaque para o Mato Grosso.

Em comparação à divulgação de agosto, a estimativa subiu 1,4%, impulsionada, principalmente, pelo desempenho acima do esperado do milho segunda safra. Os maiores acréscimos foram registrados no milho segunda safra, no arroz, que também teve sua área revisada por meio de mapeamento no Rio Grande do Sul, e na soja, que teve sua produção revisada. Na contramão, o trigo teve redução de 275,1 mil toneladas, reflexo da diminuição de 97,4 mil hectares na área plantada.

A área cultivada, estimada em 81,7 milhões de hectares, é 2,3% ou 1,9 milhão de hectares superior à semeada em 2023/24. Destaques para a soja, com crescimento de 2,7% ou 1,3 milhão de hectares, e para o milho, com ganho de 3,8%, correspondendo a 799,5 mil hectares, seguido pelo algodão, com aumento de 141,8 mil hectares, pelo sorgo, com aumento de 172,8 mil hectares, e pelo arroz, com expansão de 157,4 mil hectares.

CLIQUE NOS ÍCONES À ESQUERDA E ACESSE OS CONTEÚDOS

A terceira safra, estimada em 662,9 mil toneladas, está em andamento.

com semeaduras desde fevereiro a início de agosto, observava-se lavouras nas fases, desde desenvolvimento vegetativo à colheita. Em Goiás, onde o plantio é realizado mais cedo, a colheita no final de agosto atingia 87% da área semeada, em Minas Gerais, 80%, e em Mato Grosso do Sul, 52%. No país, a colheita no período, somava 9,1%.

TABELA 1 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR PRODUTO - SAFRAS 2023/24 E 2024/25

Brasil	Estimativa da safra de grãos			Safras 2023/24 e 2024/25					
	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %
Produto	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	1.944,3	2.086,1	7,3	2.681	2.742	2,3	5.212,2	5.719,9	9,7
ALGODÃO - PLUMA	1.944,3	2.086,1	7,3	1.904	1.947	2,3	3.701,1	4.061,1	9,7
AMENDOIM TOTAL	255,4	280,3	9,7	2.873	4.137	44,0	733,7	1.159,7	58,1
Amendoim 1ª Safra	248,2	273,1	10,0	2.908	4.202	44,5	721,7	1.147,6	59,0
Amendoim 2ª Safra	7,2	7,2	-	1.661	1.681	1,2	12,0	12,1	0,8
ARROZ	1.606,6	1.764,0	9,8	6.583	7.232	9,8	10.577,0	12.756,9	20,6
Arroz sequeiro	324,8	394,7	21,5	2.591	2.933	13,2	841,8	1.158,0	37,6
Arroz irrigado	1.281,8	1.369,3	6,8	7.595	8.471	11,5	9.735,2	11.598,9	19,1
FEIJÃO TOTAL	2.858,7	2.697,6	(5,6)	1.119	1.139	1,8	3.198,6	3.073,4	(3,9)
FEIJÃO 1ª SAFRA	861,1	908,5	5,5	1.094	1.170	6,9	942,3	1.062,7	12,8
Cores	343,1	347,3	1,2	1.665	1.707	2,5	571,4	592,8	3,7
Preto	124,7	169,0	35,5	1.492	1.953	30,9	186,1	330,2	77,4
Caupi	393,3	392,2	(0,3)	470	356	(24,2)	184,9	139,7	(24,4)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.527,4	1.404,3	(8,1)	960	960	-	1.466,5	1.348,1	(8,1)
Cores	364,8	294,1	(19,4)	1.454	1.501	3,3	530,4	441,5	(16,8)
Preto	331,6	287,0	(13,4)	1.534	1.614	5,3	508,4	463,3	(8,9)
Caupi	831,0	823,2	(0,9)	515	539	4,7	427,5	443,4	3,7
FEIJÃO 3ª SAFRA	470,2	384,8	(18,2)	1.680	1.722	2,5	789,9	662,9	(16,1)
Cores	403,3	326,5	(19,0)	1.829	1.878	2,7	737,9	613,2	(16,9)
Preto	14,5	14,5	-	1.199	1.240	3,4	17,4	18,0	3,4
Caupi	52,4	43,8	(16,4)	663	723	9,0	34,7	31,7	(8,6)
GERGELIM	659,9	608,0	(7,9)	547	657	20,0	361,3	399,4	10,5
GIRASSOL	59,7	61,9	3,7	1.188	1.622	36,5	71,1	100,4	41,2
MAMONA	58,3	69,7	19,6	1.493	1.435	(3,9)	87,1	100,0	14,8
MILHO TOTAL	21.058,0	21.857,5	3,8	5.486	6.391	16,5	115.534,6	139.695,8	20,9
Milho 1ª Safra	3.970,1	3.772,6	(5,0)	5.784	6.610	14,3	22.962,2	24.935,8	8,6
Milho 2ª Safra	16.437,8	17.427,9	6,0	5.479	6.428	17,3	90.057,8	112.032,8	24,4
Milho 3ª Safra	650,1	657,0	1,1	3.868	4.152	7,3	2.514,9	2.727,6	8,5
SOJA	46.095,9	47.350,6	2,7	3.282	3.621	10,3	151.283,4	171.472,3	13,3
SORGO	1.459,2	1.632,0	11,8	3.033	3.739	23,3	4.425,6	6.102,2	37,9
SUBTOTAL	76.056,0	78.407,7	3,1	3.832	4.344	13,4	291.484,6	340.580,0	16,8
Culturas de inverno	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	2024	2025	VAR. %	2024	2025	VAR. %	2024	2025	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
AVEIA	488,4	526,9	7,9	2.132	2.325	9,1	1.041,5	1.225,2	17,6
CANOLA	147,9	211,8	43,2	1.322	1.460	10,4	195,5	309,2	58,2
CENTEIO	2,6	1,9	(26,9)	1.654	2.053	24,1	4,3	3,9	(9,3)
CEVADA	123,1	133,4	8,4	3.561	3.872	8,7	438,4	516,5	17,8
TRIGO	3.058,7	2.449,0	(19,9)	2.579	3.077	19,3	7.889,3	7.536,1	(4,5)
TRITICALE	15,6	12,2	(21,8)	2.603	2.902	11,5	40,6	35,4	(12,8)
SUBTOTAL	3.836,3	3.335,2	(13,1)	2.505	2.886	15,2	9.609,6	9.626,3	0,2
BRASIL (2)	79.892,3	81.742,9	2,3	3.769	4.284	13,7	301.094,2	350.206,3	16,3

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2025.

TABELA 2 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF-SAFRAS 2023/24 E 2024/25

Brasil	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados*						Safras 2023/24 e 2024/25		
	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	5.384,7	5.958,8	10,7	3.411	3.798	11,4	18.365,2	22.633,6	23,2
RR	147,6	172,0	16,5	3.488	3.845	10,2	514,9	661,4	28,5
RO	1.028,3	1.242,8	20,9	4.059	4.369	7,6	4.174,0	5.429,7	30,1
AC	65,3	68,7	5,2	2.977	3.082	3,5	194,4	211,7	8,9
AM	34,2	28,6	(16,4)	3.012	3.024	0,4	103,0	86,5	(16,0)
AP	11,6	14,3	23,3	2.078	2.119	2,0	24,1	30,3	25,7
PA	1.895,9	2.023,8	6,7	3.272	3.480	6,3	6.203,0	7.041,9	13,5
TO	2.201,8	2.408,6	9,4	3.248	3.808	17,2	7.151,8	9.172,1	28,2
NORDESTE	9.660,2	10.070,4	4,2	2.895	3.096	6,9	27.970,4	31.179,2	11,5
MA	2.061,8	2.257,6	9,5	3.595	3.895	8,4	7.411,4	8.793,0	18,6
PI	1.854,5	1.942,6	4,8	3.106	3.221	3,7	5.760,3	6.258,0	8,6
CE	969,5	941,1	(2,9)	606	442	(27,1)	588,0	416,0	(29,3)
RN	118,5	112,6	(5,0)	336	274	(18,6)	39,8	30,8	(22,6)
PB	225,4	225,0	(0,2)	463	388	(16,3)	104,4	87,2	(16,5)
PE	368,6	370,7	0,6	955	947	(0,9)	352,1	351,0	(0,3)
AL	83,1	71,0	(14,6)	2.154	2.392	11,0	179,0	169,8	(5,1)
SE	198,3	199,0	0,4	5.106	5.989	17,3	1.012,6	1.191,8	17,7
BA	3.780,5	3.950,8	4,5	3.312	3.514	6,1	12.522,8	13.881,6	10,9
CENTRO-OESTE	35.635,2	36.724,3	3,1	4.113	4.848	17,8	146.578,3	178.021,9	21,5
MT	21.678,1	22.300,1	2,9	4.349	5.020	15,4	94.273,3	111.942,0	18,7
MS	6.502,6	6.644,8	2,2	3.263	4.183	28,2	21.215,8	27.796,3	31,0
GO	7.275,2	7.593,0	4,4	4.165	4.919	18,1	30.300,6	37.352,1	23,3
DF	179,3	186,4	4,0	4.398	4.997	13,6	788,6	931,5	18,1
SUDESTE	6.916,2	6.994,0	1,1	3.620	4.312	19,1	25.034,4	30.160,6	20,5
MG	4.260,5	4.298,0	0,9	3.754	4.285	14,1	15.993,3	18.415,9	15,1
ES	25,6	25,2	(1,6)	2.676	2.829	5,7	68,5	71,3	4,1
RJ	2,7	2,8	3,7	3.333	3.286	(1,4)	9,0	9,2	2,2
SP	2.627,4	2.668,0	1,5	3.412	4.372	28,1	8.963,6	11.664,2	30,1
SUL	22.296,0	21.995,4	(1,3)	3.729	4.010	7,5	83.145,9	88.211,0	6,1
PR	10.242,4	9.952,3	(2,8)	3.630	4.442	22,4	37.179,2	44.208,1	18,9
SC	1.424,5	1.429,0	0,3	4.944	5.667	14,6	7.043,2	8.098,1	15,0
RS	10.629,1	10.614,1	(0,1)	3.662	3.383	(7,6)	38.923,5	35.904,8	(7,8)
NORTE/NORDESTE	15.044,9	16.029,2	6,5	3.080	3.357	9,0	46.335,6	53.812,8	16,1
CENTRO-SUL	64.847,4	65.713,7	1,3	3.929	4.510	14,8	254.758,6	296.393,5	16,3
BRASIL	79.892,3	81.742,9	2,3	3.769	4.284	13,7	301.094,2	350.206,3	16,3

Legenda: (*) Produtos selecionados: Caroço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2025.



INTRODUÇÃO

Apresentamos o 12º levantamento da safra 2024/25. Embora este seja o último levantamento da atual temporada, o acompanhamento seguirá até a finalização do ciclo das lavouras ainda em campo, como as de inverno e terceira safra.

Neste levantamento, procedemos à revisão da safra de soja. A atualização metodológica para a estimativa de produtividade baseia-se na integração de sinais de vigor vegetativo, observados por satélite, com o conhecimento de campo da companhia. Também atualizamos a área de soja, em alguns estados, com base em mapeamentos recentes.

A estimativa confirma o recorde de produção de grãos na série histórica da Conab. Soja, milho, sorgo e algodão registram produções recordes neste ciclo. Arroz e feijão, base da dieta nacional, registraram boas produções, reflexo do esforço dos produtores, das condições climáticas, de mercado e de políticas governamentais para expansão da produção desses alimentos.

Nas culturas de inverno, a maior parte das lavouras se encontra em desenvolvimento vegetativo, embora a colheita avance na Região Central do país. Nas lavouras de terceira safra, como milho e feijão, o ciclo entra na fase final, com a colheita do feijão bastante avançada.

Agradecemos o papel essencial dos colaboradores da Conab em todas as Unidades da Federação pelo levantamento das informações que fundamentam este boletim. Também destacamos a valiosa contribuição de diversas entidades, tanto públicas quanto privadas, ao fornecer dados indispensáveis para a estimativa da safra brasileira de grãos.

As estimativas da produção refletem a expectativa de produção no mês anterior à publicação do boletim, levando em consideração as condições climáticas esperadas até o final do cultivo. No entanto, sempre há a possibilidade de alteração nos números em caso de condições climáticas adversas ou excepcionalmente favoráveis.

Como parte da metodologia, os dados de produtividade, por cultura e por Unidade da Federação, são inicialmente estimados com o auxílio de modelos estatísticos em relação ao histórico de produtividades. Os modelos permitem segurança nas previsões, levando em consideração os cenários favoráveis e desfavoráveis às culturas. Os dados gerados são analisados para todas as culturas em todos os estados, considerando as informações climáticas e os pacotes tecnológicos modais de cada estado, também levantados pela Conab.

Ao todo, são analisados mais de 540 dados de área e produtividade. Para as culturas que já avançam no seu ciclo e possuem informações mais consolidadas de campo, iniciam-se as revisões dos números iniciais, e os dados são ponderados de acordo com as condições apresentadas em cada região dos estados.

As análises são feitas a partir das condições meteorológicas, sobretudo chuva e temperatura, observadas ao longo do ciclo da cultura, por meio de interpretações de análises de satélite, principalmente a análise evolutiva e comparativa do Índice de Vegetação por Diferença Normalizada (NDVI)

e mediante investigações de campo, tanto subjetivas, contando com a colaboração da nossa rede de agentes colaboradores, por meio da aplicação de questionários, mensalmente, e coletadas mais de 4.000 informações em todo o Brasil, quanto objetivas, com investigação direta nas lavouras dos fatores de produtividade, além do auxílio de mapeamento das áreas.

Mensalmente, os dados de área, produtividade e produção, são atualizados. A estimativa da produção leva em consideração as condições climáticas pontuais, observadas no período de levantamento, assim como os prognósticos para até o final do cultivo.

Nas análises estaduais, são destacados os eventos mais relevantes ocorridos, como início de semeadura, eventos climáticos severos e situação de manejo ou inserção de novas culturas no estado.

A Conab realiza o levantamento da safra brasileira de grãos desde a temporada 1976/77. A constante busca pela qualificação dos dados é exemplificada pela sofisticação dos métodos utilizados pela Conab, para a obtenção dos dados da safra, sobretudo os ligados ao georreferenciamento e à modelagem estatística, incrementando as informações obtidas subjetivamente, que trazem tempestividade aos dados.

As informações deste boletim devem ser correlacionadas aos dados numéricos publicados em nossa planilha de safra, disponível para download em nossa [planilha de safra](#). Recomendamos a leitura do [Boletim de Monitoramento Agrícola](#) e do [Progresso de Safra](#) para acompanhamento sistemático da safra brasileira de grãos.

Boa leitura!



ANÁLISE CLIMÁTICA¹

ANÁLISE CLIMÁTICA DE AGOSTO

Em agosto de 2025, os maiores acumulados de chuva ocorreram no extremo-norte da Região Norte, leste da Região Nordeste e na Região Sul, com volumes que ultrapassaram 120 mm, contribuindo para a manutenção da umidade do solo nessas áreas. Já no interior da Região Nordeste e parte central do país, menores acumulados de chuvas foram observados, reduzindo os níveis de umidade do solo.

Na Região Norte, os maiores volumes de chuva foram superiores a 100 mm sobre o norte do Pará, nordeste do Amazonas e Roraima. Já na porção sul do Amazonas, sudeste do Pará, leste do Acre, Rondônia e Tocantins, apresentaram volumes abaixo de 50 mm, e em algumas localidades não houve registro de chuva, reduzindo a umidade do solo nestas áreas.

Na Região Nordeste, diversas áreas do interior tiveram acumulados de chuva abaixo de 50 mm, reduzindo os níveis de umidade do solo, principalmente na parte centro-oeste da Bahia, centro-sul do Piauí, oeste de Pernambuco e Paraíba, além do sul do Ceará e do Maranhão. Volumes mais significativos

¹ Danielle Barros Ferreira – Meteorologista do Inmet - Brasília.

ocorreram na costa leste, desde o litoral do Rio Grande do Norte até o nordeste da Bahia, com volumes acima dos 150 mm. Já no noroeste do Maranhão, os volumes variaram entre 50 mm e 70 mm. De forma geral, as condições seguem favoráveis para o desenvolvimento do feijão e do milho terceira safra no Sealba, enquanto, no Matopiba, a falta de chuvas favoreceu a maturação e colheita do algodão e do milho segunda safra.

Em grande parte da Região Centro-Oeste, os volumes de chuva ficaram abaixo de 10 mm, com exceção do noroeste de Mato Grosso e sul de Mato Grosso do Sul, onde os totais ultrapassaram 50 mm. A ausência de chuvas em grande parte da região favorece a redução dos níveis de umidade no solo, porém, beneficia a maturação e a colheita do algodão e do milho segunda safra.

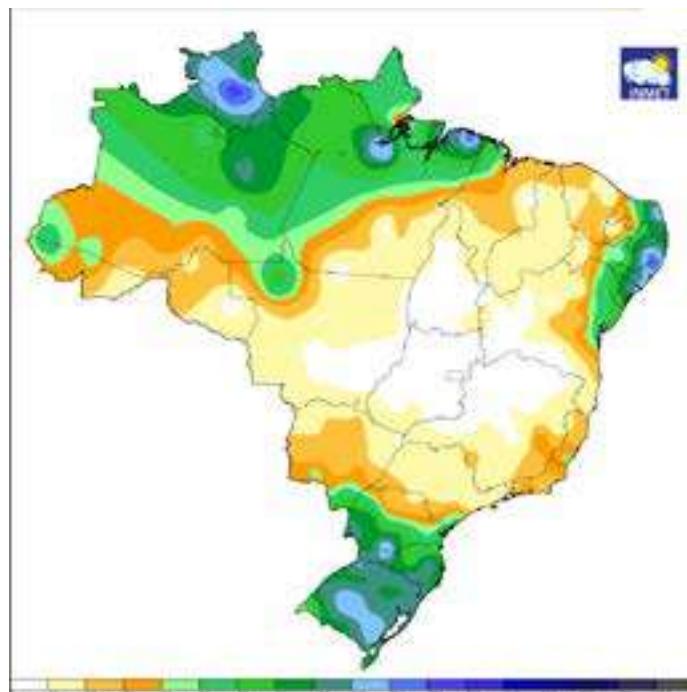
Na Região Sudeste, os acumulados de chuva ficaram abaixo de 40 mm, com exceção do sul do Espírito Santo, sudeste de São Paulo, leste de Minas Gerais e áreas pontuais do Rio de Janeiro, onde algumas localidades apresentaram volumes acima dos 40 mm. O cenário da região vem favorecendo a maturação e a colheita dos cultivos de segunda e terceira safra de inverno. No entanto, o trigo em fase reprodutiva na porção central de São Paulo seguiu sob restrição hídrica.

Na Região Sul, os volumes de chuva foram acima de 100 mm no Rio Grande do Sul, parte de Santa Catarina e sudoeste do Paraná. No norte do Paraná, as chuvas foram mais escassas, com volumes abaixo de 40 mm. No geral, os volumes de chuva garantiram níveis de armazenamento de água no solo satisfatórios, favorecendo o início da semeadura do milho primeira safra em algumas localidades.

Em gosto, as temperaturas máximas foram acima de 30 °C nas Regiões Norte e Centro-Oeste, bem como, no oeste e norte da Região Nordeste.

Em áreas da costa das Regiões Nordeste e Sudeste, além da Região Sul, os valores permaneceram abaixo de 28 °C. Quanto às temperaturas mínimas, os valores superaram os 22 °C no centro-norte das Regiões Norte e Nordeste. Já em grande parte das Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, assim como, em porções da Bahia, as temperaturas foram inferiores a 18 °C. Ressalta-se que em gosto foram registradas temperaturas próximas de zero em algumas localidades das Regiões Sul e Sudeste, episódios de geadas de intensidade fraca à moderada nos municípios de Bagé (RS), Caxias do Sul (RS), Iraty (PR), entre os dias 11 e 13 de agosto.

FIGURA 1 - ACUMULADO DA PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA EM AGOSTO DE 2025



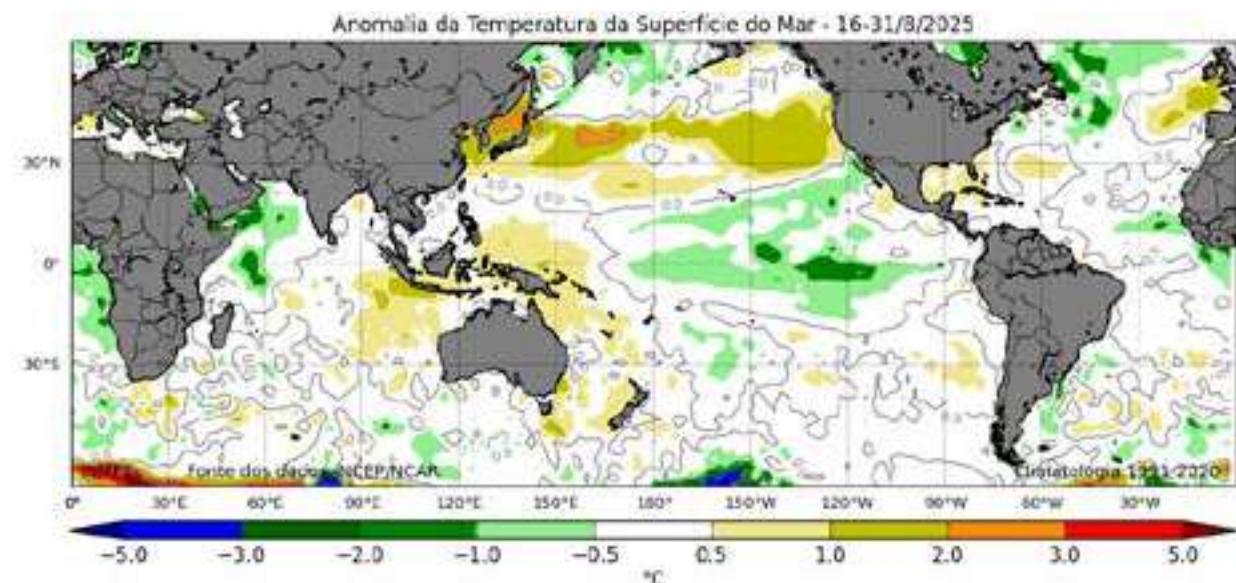
Fonte: Inmet.

CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIAS

Na figura abaixo é mostrada a anomalia de Temperatura da Superfície do Mar (TSM) entre os dias 16 e 31 de agosto de 2025. Neste período, foram observados valores variando entre -1 °C e -2 °C ao longo da faixa longitudinal entre 110°W e 150°W, indicando a área de maior resfriamento das águas,

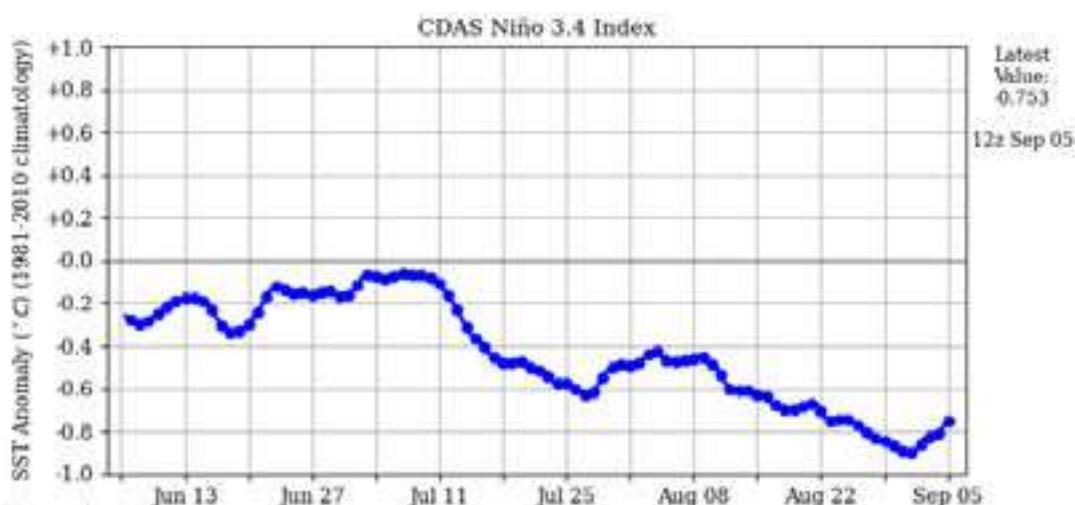
enquanto que nas proximidades da costa oeste da América do Sul observou-se temperaturas próximas a zero. No entanto, ao analisar as anomalias médias diárias da TSM exclusivamente na região do Niño 3.4 (delimitada entre 170°W e 120°W), observou-se em agosto uma diminuição dos valores, passando de -0,5 °C para -0,8 °C. Esse comportamento demonstra um resfriamento da região e uma condição inicial para formação de La Niña no Pacífico Equatorial, caracterizada por desvios de TSM inferiores a -0,5 °C.

FIGURA 2 – MAPA DE ANOMALIAS DE TSM NO PERÍODO DE 16 A 31 DE AGOSTO DE 2025



Fonte: NCEP/NCAR.

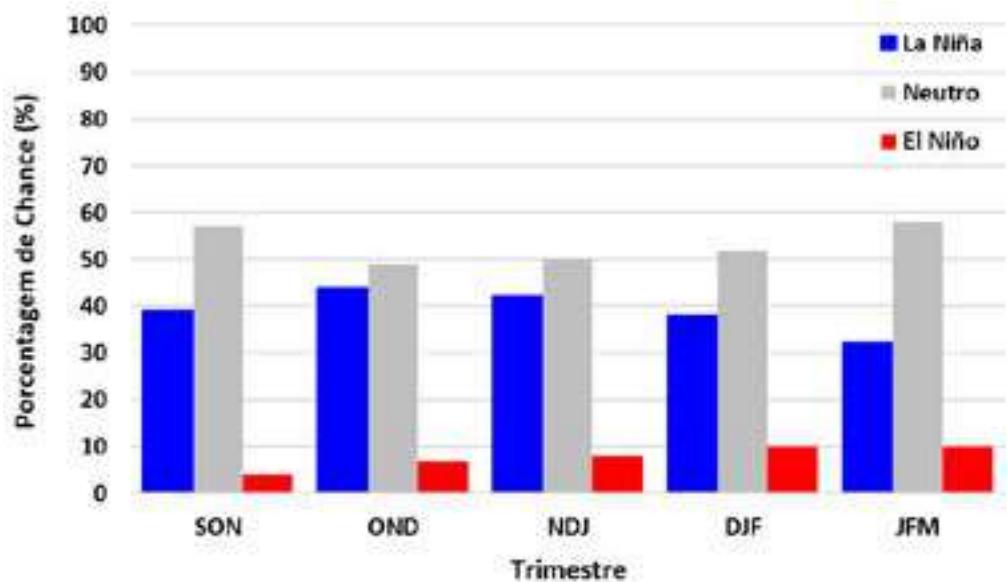
GRÁFICO 1 – MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA NA REGIÃO 3.4



Fonte: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

A análise do modelo de previsão do ENOS (El Niño - Oscilação Sul), realizada pelo Instituto Internacional de Pesquisa em Clima (IRI), aponta para permanência das condições de Neutralidade durante o trimestre setembro, outubro e novembro, com probabilidade de 57%. Apesar do modelo apontar para uma probabilidade mais elevada de permanência da Neutralidade, o rápido resfriamento que vem ocorrendo no último mês acende um alerta para a formação da condição de La Niña nos próximos meses.

GRÁFICO 2 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE EL NIÑO OU LA NIÑA



Fonte: IRI - <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current/>.

PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO SETEMBRO, OUTUBRO E NOVEMBRO DE 2025

As previsões climáticas para os próximos três meses, de acordo com o modelo do Inmet, são apresentadas na figura abaixo. O modelo indica a ocorrência de chuvas próximas ou acima da média no centro e oeste da Região Nordeste, centro-norte da Região Sudeste, leste da Região Sul, além de áreas específicas das Regiões Norte e Centro-Oeste. Nas demais

localidades, são previstas chuvas abaixo da média, especialmente na divisa entre o sul do Pará e nordeste de Mato Grosso. Ressalta-se que, as chuvas devem apresentar maior irregularidade, com retorno gradual, sobretudo em novembro, no sul e oeste do Amazonas, Rondônia, porção central de Mato Grosso, Goiás, Distrito Federal e Minas Gerais, favorecendo a recomposição da disponibilidade hídrica nesses locais.

Analisando separadamente cada região do país, a previsão indica chuvas acima da média no Amapá, norte do Pará, centro-norte do Amazonas e Tocantins. Nas demais áreas, são previstas chuvas próximas ou abaixo da média, com destaque para o centro-sul do Pará. Embora o armazenamento de água no solo ainda se mantenha elevado na porção norte da região, em virtude das chuvas dos últimos meses, a parte sul já apresenta redução nos níveis de umidade do solo em áreas do sudeste do Pará e Tocantins, e a previsão é que haja uma ampliação da área em setembro.

Na Região Nordeste, a previsão é de chuvas acima da média no centro-oeste da região e redução das chuvas na costa leste, a partir de outubro. Ressalta-se que ainda persiste a possibilidade de baixos níveis de umidade no interior da região nos próximos dois meses.

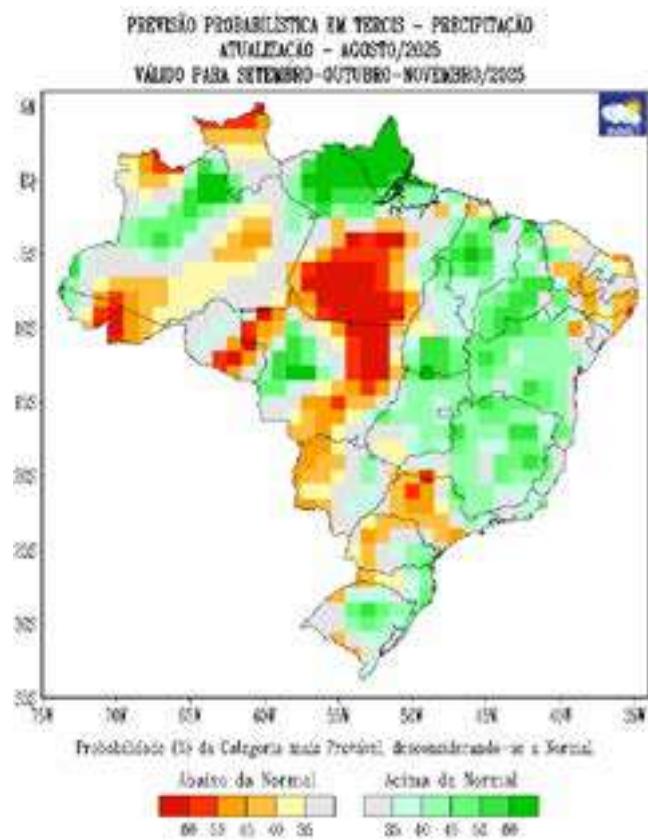
Para as Regiões Centro-Oeste e Sudeste, o modelo do Inmet indica o retorno das chuvas para a parte central do país, em meados de outubro, com chuvas próximas e acima da média no oeste de Mato Grosso, Goiás, Distrito Federal, bem como em grande parte da Região Sudeste. Nas demais áreas, podem ocorrer chuvas abaixo da média. Desta forma, com o aumento gradual das chuvas ao longo do trimestre, os níveis de umidade do solo devem ter recuperação somente a partir de novembro.

Em grande parte da Região Sul, são previstas chuvas próximas e acima da média no centro-leste da região, enquanto naquele que porção mais a oeste,

são previstas chuvas ligeiramente abaixo da média. No geral, os níveis de umidade do solo não deverão sofrer redução nos próximos meses.

Quanto às temperaturas, elas devem permanecer próximas e acima da média histórica no centro-norte do país, com valores acima de 25 °C. Nas Regiões Norte e Nordeste, as temperaturas podem superar os 28 °C. Em parte da Região Sudeste e Região Sul, as temperaturas podem ser mais amenas, com valores menores que 22 °C. Nas áreas serranas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais e São Paulo, as temperaturas podem variar entre 15 °C e 17 °C, e ainda podem ocorrer passagem de massas de ar frio.

FIGURA 3 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE SETEMBRO, OUTUBRO E NOVEMBRO DE 2025



Fonte: Inmet.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do site do Inmet (<https://portal.inmet.gov.br>).

ANÁLISE DAS CULTURAS



ALGODÃO

ÁREA

2.086,1 mil ha

+7,3%

PRODUTIVIDADE

1.947 kg/ha

+2,3%

PRODUÇÃO

4.061,1 mil t

+9,7%

Comparativo com safra anterior.

Algodão em pluma.

Fonte: Conab.

TABELA 3 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ALGODÃO EM PLUMA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	1.618,2	1.717	2.778,8
2019/20	1.665,6	1.802	3.001,6
2020/21	1.370,6	1.721	2.359,0
2021/22	1.600,4	1.596	2.554,1
2022/23	1.663,7	1.905	3.169,9
2023/24	1.944,2	1.904	3.701,4
2024/25	Ago./25	1.887	3.934,8
	Set./25	1.947	4.061,1

Fonte: Conab.

Concomitantemente ao encerramento da safra 2024/25, a colheita do algodão também se aproxima do fim, com aproximadamente 75% da safra já colhida. Esse avanço permite uma estimativa mais precisa da produção, que está projetada em 4.061,1 mil toneladas de algodão em pluma, resultado 9,7% superior ao obtido na safra anterior.

Alguns estados já finalizaram totalmente a colheita, como São Paulo, Mato Grosso do Sul, Piauí, Pará e Paraná. Maranhão, Minas Gerais e Goiás apresentam mais de 90% da área colhida. Os dois maiores estados produtores, Mato Grosso e Bahia, já superaram 70% da colheita.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: durante agosto, prevaleceu o clima seco, acompanhado por temperaturas moderadas na maior parte dos dias em todo o estado. Essa condição climática foi favorável ao avanço das operações de colheita e contribuiu para a conservação da qualidade da fibra.

As condições meteorológicas impulsionaram a produtividade média e favoreceram a qualidade da fibra nas lavouras de segunda safra. Em contraste, as áreas de primeira safra foram afetadas por excesso de chuvas no início do ciclo, o que provocou leve redução na produtividade média em comparação à safra anterior. Ainda assim, a média de produtividade permanece superior à registrada anteriormente.

No que diz respeito ao controle fitossanitário, as ações foram concentradas principalmente na contenção do bicudo-do-algodoeiro, com medidas como a eliminação simultânea das soqueiras no momento da colheita, estratégia para evitar a perpetuação da praga entre ciclos.

Bahia: a ampliação da área cultivada em relação à safra passada está associada aos bons resultados obtidos na safra anterior. A colheita avançou significativamente, com aproximadamente 80% das lavouras de sequeiro já colhidas e assim como quase metade das áreas irrigadas, ademais, 40% da produção dessa safra já foi beneficiada.

Durante agosto, não foram registradas precipitações nas principais regiões produtoras. A baixa umidade do ar favoreceu as atividades de colheita, a elevada luminosidade beneficiou as lavouras irrigadas e as temperaturas mais baixas contribuíram para reduzir a incidência de pragas e doenças.

Apesar de a produtividade média estar inferior à registrada na safra passada, sobretudo devido a condições climáticas menos favoráveis, os resultados superaram as expectativas iniciais. A qualidade da fibra surpreendeu positivamente, apresentando bons índices quanto à coloração, resistência, comprimento e rendimento.

A melhoria nos parâmetros de qualidade é atribuída à evolução dos materiais genéticos utilizados e ao manejo mais eficiente, com destaque para a nutrição adequada com macro e micronutrientes, além do uso estratégico de reguladores hormonais.

Minas Gerais: a colheita já abrange mais de 90% das áreas de algodão do estado, mas os resultados obtidos até o momento permanecem inferiores à expectativa inicial. A estiagem prolongada entre fevereiro e março impactou negativamente as lavouras de sequeiro, que representam cerca de 70% da área cultivada no estado. Aproximadamente 40% da produção da atual safra já foi beneficiada.

Naquele período crítico, as lavouras estavam definindo seu potencial produtivo, e o terço médio das plantas, responsável pela maior parte da

produção, acabou comprometido. Apesar das tentativas de manejo por parte dos produtores para recuperar o rendimento após o retorno das chuvas, os esforços não resultaram em êxito.

Atualmente, os trabalhos se concentram nos laboratórios, com a aferição da qualidade da fibra, e nas unidades de beneficiamento. Até o momento, os padrões de qualidade observados nas fibras colhidas se assemelham aos registrados ao final da safra passada, mantendo-se dentro dos parâmetros exigidos pela indústria.

Mato Grosso do Sul: diante de um cenário favorável, com predomínio de sol entre poucas nuvens, a colheita avançou em ritmo acelerado ao longo do período, encerrando o ciclo da cultura do algodão. Atualmente, se encontra em andamento o processo de destruição das soqueiras, com o objetivo de atender às exigências do vazio sanitário.

Apesar do bom potencial produtivo observado nesta safra, foram registradas perdas pontuais na qualidade da fibra, em virtude das precipitações e das baixas temperaturas ocorridas em julho. No entanto, os danos não provocaram prejuízos significativos, mantendo-se restritos a algumas áreas isoladas.

Maranhão: a semeadura do algodão de primeira safra ocorreu entre dezembro e janeiro, nos municípios de Balsas e Tasso Fragoso, no sul do estado. Em agosto de 2025, a colheita das lavouras segue avançando em ritmo bastante acelerado, com quase toda a área já colhida.

A área plantada de algodão de primeira safra apresentou expansão moderada em relação ao ano anterior. A produtividade média está ligeiramente acima da registrada na safra passada, reflexo do bom desempenho agronômico da

cultura. Consequentemente, a produção apresenta incremento, superando os volumes colhidos no ciclo anterior.

Apesar dos bons resultados, foram identificados entraves para o alcance do potencial produtivo, como perdas de capulhos na parte inferior das plantas, associadas ao excesso de umidade; ocorrência localizada de doenças foliares; além da presença de pragas, com destaque para bicudo-do- algodoeiro e lagartas nos estágios finais do ciclo. Adicionalmente, foram observadas limitações relacionadas à compactação do solo, necessidade de maior precisão na adubação e escolha varietal.

As atenções atuais estão voltadas para a retirada dos fardos do campo, com vistas à preservação da qualidade da fibra, bem como para a destruição das soqueiras, fundamental para o controle fitossanitário da lavoura.

A semeadura do algodão segunda safra ocorreu entre janeiro e fevereiro de 2025, após a colheita da soja no município de Balsas. Em agosto de 2025, a colheita atinge quase 90% da área.

A área cultivada com algodão segunda safra sofreu redução em relação ao ciclo anterior, em decorrência da estratégia de rotação de culturas adotada. Ainda assim, a produção estimada permanece elevada.

A produtividade média alcançada nesta safra está acima do ciclo passado, resultado do desenvolvimento agronômico satisfatório da lavoura implantada dentro da janela ideal de cultivo, da adaptabilidade das variedades utilizadas e do manejo técnico adequado.

Piauí: assim como no ciclo anterior, confirmou-se um aumento da área cultivada, tendência que tende a se manter nas próximas safras. Nesta

temporada, houve também expansão das áreas com cultivo irrigado, fator que contribuiu para a manutenção de produtividades.

Por se tratar de uma cultura de primeira safra, sua implantação e desenvolvimento ocorrem no período com os maiores índices pluviométricos no estado, o que permite condução da lavoura em ambiente agronomicamente favorável. A previsão climática inicial, que indicava a ocorrência do fenômeno La Niña durante a safra de verão, foi confirmada e proporcionou bom desenvolvimento para a maior parte das lavouras.

Ainda que as condições climáticas tenham sido predominantemente positivas, a colheita foi encerrada com produtividade praticamente equivalente à registrada no ciclo 2023/24, com leve decréscimo de 1%. Essa pequena retração está relacionada, sobretudo, a uma área que apresentou desempenho aquém do esperado, com redução de aproximadamente 38% em relação ao ciclo anterior. Esse resultado comprometeu o desempenho estadual, de modo que, mesmo com os bons resultados obtidos nas lavouras irrigadas, a média estadual de produtividade não se elevou.

Goiás: a área destinada ao cultivo de algodão em Goiás passou por um ajuste após a análise de imagens de satélite, mantendo-se em relação à safra anterior. A colheita está em fase final, com a maioria das áreas já colhidas. Nas lavouras irrigadas, a colheita teve início em agosto e deve se estender até setembro.

Na região sudoeste do estado, a colheita também está próxima da conclusão, com cerca de 85% das lavouras já colhidas. As áreas remanescentes, cultivadas sob pivô central na segunda safra, apresentam boas condições agronômicas. Por outro lado, na região leste, houve ligeira redução na produtividade, resultado atribuído às condições edafoclimáticas específicas da localidade.

Mesmo diante de algumas adversidades, a qualidade da fibra colhida tem se mantido dentro dos padrões satisfatórios, com quase toda a produção já comercializada. Contudo, na região sul, as chuvas registradas em junho, durante a colheita, impactaram pontualmente a qualidade da pluma, especialmente no que se refere à sua uniformidade.

A média estadual de produtividade foi ajustada, refletindo a quebra no leste do estado. Ainda assim, os bons resultados obtidos são atribuídos à conjugação entre clima favorável e práticas adequadas de manejo adotadas pelos produtores.

As áreas de sequeiro apresentaram desenvolvimento regular ao longo do ciclo, enquanto as áreas irrigadas remanescentes encontram-se, em sua maioria, em fase final de maturação, beneficiadas por condições climáticas adequadas. A irrigação foi interrompida em quase todas as lavouras, e não há registros de que as baixas temperaturas noturnas tenham causado prejuízos às áreas ainda não colhidas.

Rondônia: com condições climáticas favoráveis e ocorrência esporádica de chuvas, sem interferências negativas na maturação das fibras, o desenvolvimento da cotonicultura no estado transcorreu de forma satisfatória. Diante desse cenário, projeta-se a manutenção da produtividade em níveis comparáveis às melhores safras já registradas.

Apesar de a área cultivada ter sido ligeiramente superior à da safra anterior, as condições observadas foram favoráveis à produtividade. As lavouras se encontram totalmente colhidas.

Tocantins: as lavouras apresentam rendimentos variados, a depender da região produtora, mesmo assim, é superior à safra passada. Em municípios ao sul do estado, a produtividade média foi inferior à observada em outras

regiões, prejudicada pelas chuvas excessivas durante abril, que impactaram a qualidade da pluma. No município de Campos Lindos, a colheita foi finalizada com boa produtividade, assim como na região leste do estado. Em áreas de segunda safra, na região de Miracema, a produtividade foi inferior, situação atribuída à limitação hídrica ocorrida durante a fase de formação de maçãs.

Rio Grande do Norte: a cultura do algodão apresenta perspectiva de crescimento positivo para a safra 2024/25. A área destinada ao cultivo teve acréscimo, refletindo a confiança dos produtores no mercado e o retorno econômico da atividade, impulsionada pela demanda tanto interna quanto internacional por fibras de algodão. Quanto à produção, a expectativa é de aumento mesmo com uma leve redução na produtividade média em relação ao ciclo anterior.

Pará: a colheita foi finalizada, visto que a lavoura foi conduzida dentro de uma janela climática bastante favorável. Durante todo o ciclo, o desenvolvimento ocorreu sob condições fitossanitárias e de campo altamente satisfatórias, o que contribuiu para o bom desempenho nas fases fenológicas da cultura.

Paraíba: na região do Sertão Paraibano, o desenvolvimento da cultura foi comprometido por intempéries climáticas, principalmente um veranico intenso ocorrido entre o final de fevereiro e início de março. Esse cenário impactou negativamente a decisão dos produtores quanto à manutenção ou replantio da lavoura, resultando na substituição da cultura pelo sorgo forrageiro.

Com a aproximação do encerramento da safra de grãos no estado, confirmou-se um quadro de perdas superiores a 80% do potencial no Sertão, além da redução das áreas cultivadas, reflexo da desistência de plantio por parte de diversos agricultores.

Nas regiões do Agreste e da Zona da Mata, a colheita ainda não foi iniciada. Atualmente, 41,1% das lavouras se encontram em formação de maçãs e 32,8% em maturação. A área colhida, que representa 18% do total, refere-se à região do Sertão.

Na faixa litorânea, os agricultores atuaram em regime de integração com beneficiadoras de algodão. Os produtores participaram com a área de plantio e mão de obra, predominantemente familiar, enquanto as beneficiadoras contribuíram com sementes, assistência técnica, certificação orgânica e garantia de compra.

Ceará: houve um aumento na área plantada devido à adesão de muitos municípios a um programa estadual de incentivo à cultura. O programa Ouro Branco prevê um período de vazio sanitário nos municípios, a assistência técnica de prefeituras e da Ematerce e a garantia de um preço mínimo na venda do produto.

A previsão inicial era que as chuvas se comportassem dentro da normalidade ao longo da estação chuvosa. Em janeiro, período pré-estação, as chuvas ficaram 91,5% acima da média. Fevereiro e março apresentaram chuvas dentro da normalidade. No entanto, principalmente na primeira quinzena de fevereiro, ocorreu um veranico prolongado em praticamente todo o estado. Já em abril e maio, a precipitação ficou 37,1% e 24,5% abaixo da média histórica, respectivamente.

A cultura se desenvolveu normalmente sem grandes intercorrências, principalmente pelo plantio ter ocorrido após o período do veranico da primeira quinzena de fevereiro. Em termos de sequeiro, há uma queda significativa nos rendimentos, mas dentro dos questionários levantados, há uma área de cerca de 460 hectare em Tabuleiro do Norte que é irrigada, o que eleva o rendimento da cultura na safra.

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica													
UF	Mesorregiões	Produção* %	Algodão - Safra 2024/2025										
			NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
			Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
RO	Leste Rondoniense	0,64			S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM/M	FM/M/C	M/C	C	
TO	Oriental do Tocantins	0,33		S/E/DV	DV	DV/F/FM	F/FM	F/FM/M	FM/M	FM/M/C	M/C	C	C
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	1,51		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C	
	Sul Maranhense - 2ª Safra				S/E/DV	DV/F	F	FM	FM/M	M/C	M/C	M/C	C
PI	Sudoeste Piauense	0,97		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/FM	FM/M	FM/M	M/C	M/C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano	19,07	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/FM	DV/F/FM	F/FM/M	FM/M	FM/M/C	FM/M/C	M/C	C
	Norte Mato-grossense - 1ª Safra	51,21		S/E/DV	DV	DV/F/FM	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra	6,45		S/E/DV	DV	DV/F/FM	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
MT	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra	0,86		S/E/DV	DV	DV/F/FM	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra	0,85		S/E/DV	DV	DV/F/FM	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
MS	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra	12,13		S/E/DV	DV	DV/F/FM	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra	1,64		S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
GO	Leste Goiano - 1ª Safra	0,39		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/FM	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Leste Goiano - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 1ª Safra	0,95		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/FM	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	0,67		S/E/DV	DV	DV/F/FM	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Noroeste de Minas - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	0,65		S/E/DV	DV	DV/F/FM	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FM)=formação de maçãs; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2023) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

Com aumento de 7,3% na área e de 2,3% na produtividade, em comparação com a safra anterior, a atual safra de algodão em pluma no Brasil deverá alcançar mais um recorde este ano. De acordo com o 12º levantamento de 2024/25, realizado pela Conab, a expectativa é de produção em torno de 4,1 milhões de toneladas. Até a 35ª semana, dos 2,1 milhões de hectares destinados à cultura, 72,8% já haviam sido colhidos. Segundo dados da Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa), até 28 de agosto de 2025, 25% da safra já havia sido beneficiada.

Embora as exportações de algodão brasileiro tenham registrado uma ligeira desaceleração no início do segundo semestre em relação ao mesmo período do ano anterior, no primeiro semestre cresceram 7,3%, somando 1,49 milhão de toneladas. Para 2025, projeta-se aumento de 6,1% nas exportações em comparação ao ano anterior, alcançando 2,9 milhões de toneladas.

O consumo interno de pluma deve totalizar 735 mil toneladas em 2025, o que representa retração de 2% frente ao ano anterior. Apesar do bom ritmo observado no primeiro semestre, o consumo mostrou sinais de desaceleração. As elevadas taxas de juros, somadas às incertezas quanto às exportações de produtos têxteis em virtude das políticas tarifárias dos Estados Unidos, pressionaram o setor têxtil nacional.

Diante do elevado volume de estoques de passagem, da supersafra de algodão e do enfraquecimento do consumo interno, mesmo com o aumento das exportações, o estoque final deve crescer 16,4%, alcançando 2,7 milhões de toneladas até o final de 2025.

TABELA 4 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL	
2018/19	980,5	2.778,8	1,7	3.761,0	720,0	1.613,7	1.427,3	
2019/20	1.427,3	3.001,6	2,2	4.431,1	690,0	2.125,4	1.615,7	
2020/21	1.615,7	2.359,0	4,6	3.979,3	720,0	2.016,6	1.242,7	
2021/22	1.242,7	2.554,1	2,3	3.799,1	675,0	1.803,7	1.320,4	
2022/23	1.320,4	3.173,3	1,7	4.495,4	710,0	1.618,2	2.167,2	
2023/24	2.167,2	3.701,1	1,1	5.869,4	750,0	2.774,3	2.345,1	
2024/25	ago/25	2.345,1	3.934,8	1,0	6.280,9	745,0	2.970,0	2.565,9
	set/25	2.345,1	4.061,1	1,0	6.407,2	735,0	2.943,0	2.729,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/20253.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de algodão, [clique aqui](#).



ARROZ

ÁREA

1.764 mil ha

+9,8%

PRODUTIVIDADE

7.232 kg/ha

+9,8%

PRODUÇÃO

12.756,9 mil t

+20,6%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab

TABELA 5 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ARROZ TOTAL

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	1.972,1	6.118	12.064,2
2018/19	1.702,5	6.158	10.483,6
2019/20	1.665,8	6.713	11.183,4
2020/21	1.679,2	7.007	11.766,4
2021/22	1.617,3	6.666	10.780,5
2022/23	1.479,6	6.781	10.033,3
2023/24	1.607,8	6.584	10.585,5
2024/25	Ago./25	1.747,7	12.320,6
	Set./25	1.764,0	12.756,9

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

Após finalizada a colheita nas áreas produtoras, se confirma o aumento da produção de arroz, nesta safra, estimada em mais de 12,7 milhões de toneladas produzidas, quarta maior safra da série histórica da Conab. Tal resultado advém do aumento de áreas semeadas em quase todas as regiões do país, incentivado ainda pelas cotações no mercado do produto no momento do plantio, além do fomento à produção do cereal. O destaque foi para as áreas de produção no Rio Grande do Sul, onde houve um aumento

de mais de 7% em relação à safra passada, o que representa mais de 67% da produção nacional do cultivo irrigado, e Mato Grosso, com significativo aumento de área do cultivo de sequeiro em mais de 50%, comparadas à safra anterior.

No geral, o ciclo produtivo das lavouras foi favorecido por boas condições climáticas, com consequente obtenção de altas produtividades, assim como a maioria da semeadura dentro da janela ideal de plantio, além da melhoria do potencial produtivo das plantas devido ao manejo, até mesmo, com o uso de pacote tecnológico empregado e sementes de qualidade, nas principais áreas de produção de arroz com alta tecnologia no Brasil.

Na Região Sul, a evolução vegetativa das lavouras fora beneficiada com os períodos de alta incidência solar, apesar da grande amplitude térmica nas áreas de produção. Algumas regiões apresentaram chuvas com muita variação, tanto no volume quanto na intensidade de sua ocorrência, com consequente situações de alta nebulosidade, que afetou a qualidade de algumas áreas de plantio, mas, no geral, finalizaram a operação de colheita com produtividade média final muito satisfatória. No Centro-Oeste, deficiências hídricas pontuais, no final do verão, prejudicaram as lavouras menos tecnificadas, enquanto as precipitações subsequentes reduziram, parcialmente, a qualidade de plantios tardios.

A estimativa apresenta um incremento de área, tanto no cultivo do arroz de sequeiro quanto sob irrigação, sendo a área de arroz irrigado estimada em 1.369,3 mil hectares, com aumento de 6,8% se comparada à safra anterior. Quanto ao arroz de sequeiro, há uma importante estimativa de incremento de área em 21,5% em relação à safra 2023/24, de 394,7 mil hectares.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: com a colheita finalizada, a estimativa da produtividade média final da cultura foi revisada para pouco mais de 9 toneladas por hectare, apesar das últimas lavouras colhidas terem apresentado rendimentos mais baixos em razão do desenvolvimento da cultura no campo ter ocorrido em período não adequado.

Nesta safra, as áreas de produção nas regiões da Fronteira Oeste, Campanha, Sul e da Planície Costeira Externa, finalizaram os trabalhos de campo conforme o calendário agrícola para o cultivo do arroz, enquanto que as áreas na Planície Costeira Interna e na região Central passaram por atraso no ciclo produtivo, principalmente por razões climáticas, onde a semeadura foi atrasada devido às chuvas ocorridas em maio de 2024, que prejudicaram o preparo das áreas próximas dos rios, estendendo o ciclo da cultura. Contudo, no período de estabelecimento das lavouras, o regime de chuvas foi dentro do esperado, o que ajustou o incentivo à semeadura juntamente com os preços no mercado, que estavam também atrativos. As lavouras se estabeleceram com bom padrão produtivo.

O tempo firme colaborou com alta luminosidade e radiação solar excelentes para o desenvolvimento das plantas. Com os níveis dos mananciais, açudes e rios estabelecidos e o clima favorável, houve o plantio, mesmo fora da janela, em algumas áreas. A grande amplitude térmica em janeiro, fevereiro e março de 2025, com temperaturas variando entre 15 °C pela manhã e 40 °C à tarde, comprometeram a qualidade de algumas variedades do arroz, principalmente os híbridos, mais suscetíveis à quebra.

As temperaturas mais baixas que eventualmente ocorrem em fevereiro, no período da floração, não foram tão significativas nesta safra. Assim, o

período de colheita se deu praticamente sem intercorrências, com raros períodos de interrupção por chuvas mais eventuais. Em relação às doenças e pragas, o clima seco durante a maior parte do ciclo foi favorável ao controle e não houve impactos negativos significativos na produtividade, destacando-se como o principal estado produtor e tendo produtividades historicamente acima da média nacional.

Os dados de área foram revisados com base em mapeamento realizado pela Conab e o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

Santa Catarina: resultado da estabilidade climática ocorrida ao longo do ciclo, principalmente no período de maturação, além da combinação de condições climáticas favoráveis, uso de cultivares de alto potencial produtivo, investimentos em tecnologia e melhorias nas práticas de manejo, confirmam uma tendência positiva observada nos últimos anos, também proporcionaram o bom desempenho da atual safra colhida, em que a qualidade do produto se manteve dentro dos padrões normais para a industrialização. Praticamente com a mesma área de plantio, a produção teve um significativo aumento em relação à safra anterior, destacando-se como o segundo maior produtor de arroz nacional como atividade de grande importância econômica e social para a região, alcançando boas produtividades.

Tocantins: encerra-se o ciclo produtivo com chuvas regulares que favoreceram a realização dos tratos culturais e manutenção da cultura, onde o plantio da segunda safra se deu em sucessão à colheita da soja em áreas sistematizadas e com irrigação por gravidade. Na região centro-oeste do estado, principalmente no município de Pium, ocorreu perda de produtividade em áreas onde o arroz foi acamado pelo excesso de chuvas.

Mato Grosso: a colheita do arroz de primeira e segunda safras terminou apresentando rendimento ligeiramente superior ao estimado na safra passada. Ademais, observou-se incremento de área acima do esperado em municípios mais distantes, nas fronteiras agrícolas, o que na média final proporcionou significativo aumento na produção do cereal no estado. Nas áreas de arroz de sequeiro segunda safra, apesar do grande volume de chuvas durante o ciclo de desenvolvimento da cultura ter reduzido a qualidade dos grãos de alguns lotes colhidos, o saldo final da safra apontou qualidade dentro da tolerância comercial.

Maranhão: nesta safra, houve um aumento das áreas de cultivo em virtude dos bons preços do produto, com uso de cultivares de arroz irrigado melhoradas em áreas planas, onde ocorre inundação natural dos campos por águas das chuvas, sem controle de irrigação. Também foi possível observar um aumento da produtividade desse grão devido à expansão dessas áreas de cultivo e elevado potencial produtivo, maior investimento para implantação da cultura e condições climáticas favoráveis.

Devido à escassez de chuvas durante o ciclo da cultura, em áreas de cultivo das regiões centro, leste e sul, houve perda de produtividade, assim como a ocorrência de pragas, como percevejo e pulgão, que resultaram em perdas na produtividade principalmente nas áreas de produção das regiões do leste e norte do estado.

Piauí: o aumento significativo de área que estava previsto para esta safra ficou comprometido pela falta de chuvas. Nesta safra, as condições climáticas apresentaram-se favoráveis para o cultivo do arroz de sequeiro apenas em parte do estado, pois na região sudeste o volume de chuvas foi muito reduzido e com perdas significativas. Lavouras se desenvolveram em boas condições no sudoeste e norte do estado. A área de arroz no estado

é predominantemente oriunda da agricultura familiar. Nas áreas de arroz irrigado, o início de plantio no estado ocorre em maio, estando as lavouras em desenvolvimento vegetativo. Para esta safra, até o momento, estimou-se um pequeno aumento de área, sobretudo por incentivo no plantio para aumentar a produção de arroz no país.

Rondônia: com área semelhante à do plantio da primeira safra e à utilização de propagativos de maior produtividade, aliados aos desdobramentos da produção do cereal no país, houve aumento da área de plantio de segunda safra, e as áreas plantadas foram 100% colhidas.

Goiás: a colheita foi concluída, com as áreas de cultivo de sequeiro e irrigado permanecendo estáveis em relação ao levantamento anterior. As áreas de maior concentração de lavouras compreenderam as regiões sul, leste e norte do estado, com algumas áreas menores na região central.

A produtividade do arroz de sequeiro foi significativamente impactada pela distribuição irregular das chuvas ao longo do ciclo da cultura, principalmente na fase de maturação, comprometendo a qualidade dos grãos colhidos, contudo, as chuvas ocorridas na fase inicial do desenvolvimento vegetativo mostraram-se benéficas para o estabelecimento das plantas, mas as precipitações no final do ciclo prejudicaram significativamente a qualidade dos grãos. Por outro lado, o arroz irrigado demonstrou maior controle sobre as condições de cultivo, até mesmo quanto à ocorrência de doenças nas lavouras, com controle de forma eficaz, visto que as condições de baixa umidade relativa do ar contribuíram para reduzir a incidência de doenças fúngicas nas lavouras.

Minas Gerais: ao final da colheita, no noroeste do estado, as lavouras de arroz irrigado de segunda safra apresentaram redução de produtividade devido à ocorrência de bruzone e difícil controle. Além disso, as chuvas de meados

de março e abril ocasionaram acamamento das lavouras e perdas também na colheita. Os números mostram significativa queda na produtividade, na safra 24/25, mas com aumento na produção com o incremento da área implantada.

QUADRO 2 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica												
UF	Mesorregiões	Produção* %	Arroz - Safra 2024/2025									
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
						S/E	DV	DV/F	F/EG	M/C	C	
						S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
RR**	Norte de Roraima	0,86										
RO	Leste Rondoniense	0,76			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
TO**	Occidental do Tocantins	5,72			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
MA	Centro Maranhense	0,70						S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C
MT	Norte Mato-grossense	2,92			S/E	S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
GO**	Leste Goiano	0,62		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
PR**	Noroeste Paranaense	1,29		S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Catarinense	1,40	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
SC**	Vale do Itajaí	2,07	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Sul Catarinense	7,68	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	6,45		S/E	S/E/DV	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
	Centro Oriental Rio-grandense	3,96		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
	Metropolitana de Porto Alegre	15,90		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense	28,87		S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Rio-grandense	14,17	PS	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita. (**)=total ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2023) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

A Conab estima que a safra brasileira de arroz 2024/25 será 20,6% maior que a de 2023/24, projetada em 12,8 milhões de toneladas. Esse crescimento é reflexo, principalmente, da estimativa de significativa expansão de área, impulsionada pelos elevados preços recebidos pelos produtores no momento do plantio. Além disso, com um cenário climático favorável nas principais regiões produtoras, observou-se excelente produtividade da cultura.

Quanto ao quadro de oferta e demanda do arroz, neste 12º levantamento, o consumo da safra 2023/24 foi ajustado, após a consolidação do número de estoque pelo IBGE da safra em questão. Ressalta-se que o consumo foi alterado em apenas 47,4 mil toneladas, sendo estimado em 10.547,4 mil toneladas.

Ainda sobre o consumo, ressalta-se que esse fator é calculado como uma variável de ajuste do quadro de suprimento, considerando os estoques de passagem apurados pelo IBGE, os dados de balança comercial consolidados pela Secex/MDIC e o volume nacional produzido estimado pela Conab.

Para a safra 2024/25, projeta-se crescimento de 4,3% no consumo, impulsionado pela intensificação da demanda interna em meio à expressiva queda dos preços no varejo brasileiro ao longo de 2025. Ademais, por meio da Taxa CDO, incidente sobre a comercialização de arroz no Rio Grande do Sul, observa-se uma nítida tendência de expansão das vendas do grão no mercado nacional.

Mais especificamente em relação à balança comercial, para a safra 2023/24, observa-se uma redução das exportações brasileiras para 1,4 milhão de toneladas, resultado dos preços internos operando acima das paridades de exportação na maior parte do período de comercialização, da menor disponibilidade interna e da recomposição produtiva norte-americana.

Para a safra 2024/25, com a expectativa de recuperação da produção e de redução dos preços internos ao longo de 2025, estima-se um aumento das exportações de arroz brasileiro para 1,6 milhão de toneladas. Quanto às importações, projeta-se um volume estável de 1,4 milhão de toneladas para ambas as safras: 2023/24 e 2024/25.

Diante dos números apresentados e, sobretudo, da perspectiva de expressivo incremento da produção nacional, projeta-se um aumento nos estoques de passagem ao final da safra 2024/25, com volume estimado em 2,1 milhões de toneladas em fevereiro de 2026.

TABELA 6 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2018/19	812,3	10.483,6	1.037,7	12.333,6	10.780,3	1.365,7	187,6
2019/20	187,6	11.183,4	1.351,1	12.722,1	10.205,7	1.762,4	754,0
2020/21	754,0	11.766,4	895,1	13.415,5	10.802,1	1.311,1	1.302,3
2021/22	1.302,3	10.780,5	1.337,3	13.420,1	10.506,4	2.067,1	846,6
2022/23	846,6	10.031,8	1.550,3	12.428,7	10.324,1	1.696,7	407,9
2023/24	407,9	10.577,0	1.421,5	12.406,4	10.547,4	1.362,2	496,8
2024/25	ago/25	496,8	12.320,6	1.400,0	14.217,4	10.500,0	1.600,0
	set/25	496,8	12.756,9	1.400,0	14.653,7	11.000,0	1.600,0
							2.053,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2025.

Estoque de passagem - 28 de fevereiro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de arroz, [clique aqui](#).



FEIJÃO

ÁREA	PRODUTIVIDADE	PRODUÇÃO
2.697,6 mil ha	1.139 kg/ha	3.073,4 mil t
-5,6%	+1,8%	-3,9%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

O feijoeiro tem sido cultivado na maioria dos estados brasileiros, tanto em culturas de subsistência quanto em cultivos altamente tecnificados, com sua importância nutricional na base da alimentação nacional juntamente com o arroz, proporcionando nutrientes essenciais à dieta humana, fazendo parte do hábito alimentar dos brasileiros.

Considerando os três grandes grupos no monitoramento da safra pela companhia, feijão-comum cores, feijão-comum preto e feijão-caupi, além dos fatores alimentícios, a cultura tem seu apelo agronômico, principalmente pelo seu ciclo fenológico considerado mais curto, que possibilita a adequação do seu plantio dentro de uma janela também menor propiciando, até mesmo, a produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra.

Na conjuntura brasileira, as áreas produtoras de feijão possuem três épocas distintas de plantio, favorecendo uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra, semeado entre agosto e dezembro, o de segunda safra, cultivado entre janeiro e abril, e o de terceira safra, semeado de maio a julho.

FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA 2024/25

TABELA 7 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	922,6	1.072	989,1
2019/20	914,5	1.209	1.105,6
2020/21	909,2	1.074	976,4
2021/22	909,3	1.036	941,8
2022/23	857,3	1.116	956,7
2023/24	861,1	1.094	942,3
2024/25	Ago./25	908,5	1.062,7
	Set./25	908,5	1.062,7

Fonte: Conab.

QUADRO 3 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica					
 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão primeira safra - Safra 2024/25									
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
PA	Nordeste Paraense	0,78					S/E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Norte Piauense	0,80					S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
PI	Centro-Norte Piauense	0,70					S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Sudoeste Piauense	2,27					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
BA	Sudeste Piauense	1,08					S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Extremo Oeste Baiano **	10,49					S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
BA	Vale São-Franciscano da Bahia	0,78					S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C
	Centro Norte Baiano	0,70					S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C
GO	Centro Sul Baiano	2,68					S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Leste Goiano	5,90					S/E/DV	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C	
GO	Sul Goiano	4,38					S/E/DV	S/E/DV	F/EG	EG/M/C		
	Norte Goiano	2,05					S/E	S/E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	
DF	Distrito Federal	2,79					S/E/DV	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Noroeste de Minas	7,05					S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C	
MG	Norte de Minas	2,19					S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,94					S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
MG	Oeste de Minas	0,84					S/E/DV	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sul/Sudoeste de Minas	2,66					S/E/DV	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
MG	Campo das Vertentes	2,29					S/E/DV	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Zona da Mata	1,32					S/E/DV	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	

Continua

Legenda - Condição hídrica											
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão primeira safra - Safra 2024/25									
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
SP	Assis**	0,79	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Itapetininga**	1,20	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Macro Metropolitana Paulista	0,86		S/E	E/DV	F/EG/M	EG/M/C					
PR	Norte Pioneiro Paranaense	1,11	S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense	4,84	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C				
	Oeste Paranaense	1,03	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C				
	Sudoeste Paranaense	0,75	S/E	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C				
	Centro-Sul Paranaense	2,39	S/E	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C				
SC	Sudeste Paranaense	9,43	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C				
	Metropolitana de Curitiba	3,12	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	EG/M/C			
	Oeste Catarinense	2,39	S/E	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	EG/M/C			
	Norte Catarinense	1,80	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C			
RS	Serrana	2,22	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C			
	Noroeste Rio-grandense	0,88	S/E	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C					
	Nordeste Rio-grandense	2,84	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2023) / Conab.

FEIJÃO SEGUNDA SAFRA 2024/25

TABELA 8 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	1.418,6	917	1.300,4
2019/20	1.423,0	875	1.244,7
2020/21	1.446,4	787	1.137,8
2021/22	1.419,1	945	1.341,1
2022/23	1.326,2	962	1.275,8
2023/24	1.528,2	990	1.512,2
2024/25	Ago./25	970	1.363,3
	Set./25	960	1.348,1

Fonte: Conab.

A colheita das lavouras de segunda safra avançou bastante nos últimos meses e, atualmente, já se encontra praticamente finalizada nos principais estados produtores.

Ainda há áreas com ciclo em vigência, especialmente de feijão-caupi, que tradicionalmente é mais tardio, em estados do Nordeste. Porém, a expectativa é de conclusão dessa segunda safra até o fim de setembro.

A seguir estão as análises gerais da cultura naquelas regiões onde o cultivo ainda não foi concluído ou que a conclusão se deu no último mês.

FEIJÃO-COMUM CORES

Minas Gerais: a colheita foi concluída em agosto, com a finalização nas áreas mais tardias localizadas no Noroeste e no Triângulo Mineiro. Nesta safra houve uma retração na área cultivada devido à escassez de chuvas no período ideal de plantio, aos baixos preços do produto no mercado e às dificuldades de controle da mosca-branca.

Nesta safra, notou-se um ciclo mais tardio, que no ano passado, principalmente em razão da falta de chuvas no período ideal de plantio, entre fevereiro e meados de março. Mesmo com essas condições iniciais, o clima foi favorável até o final de abril, e as temperaturas se mantiveram dentro da normalidade, garantindo um bom desenvolvimento prévio das lavouras, gerando maior produtividade média em relação ao exercício anterior.

Paraíba: o ciclo da cultura tem sido bastante oscilante no quesito climatológico, já que a região que concentra essa produção de segunda safra, o Sertão Paraibano, sofreu com irregularidade pluviométrica desde o início do plantio, até mesmo inviabilizando a semeadura dentro do calendário usual, podendo afetar também a estimativa de área semeada,

e requerendo em algumas áreas a necessidade de replantio, por conta de estiagens prolongadas à época.

Ao longo do ciclo essas intercorrências climáticas também ocorreram, algo que afetou o potencial produtivo da cultura, que tem apresentado um rendimento médio menor que o da temporada passada, também pelo fato de o plantio ter sido mais tardio e reduzido a participação das chuvas.

Atualmente, as lavouras estão em diferentes fases fenológicas, até com áreas já colhidas, cerca de 40% da área total colhida. O atraso no início do ciclo refletiu sobre uma postergação de todo o cronograma da cultura.

Bahia: essas áreas, que são manejadas sobre irrigação, possuem um plantio mais tardio, até mesmo como forma de manejo fitossanitário, para evitar a alta pressão de mosca-branca. Nesse sentido, o ciclo tem uma finalização posterior ao próprio feijão-caupi de segunda safra, cultivado no estado.

De maneira geral, as lavouras estão em fase final de maturação e colheita, apresentando aumento na área total plantada em comparação à temporada passada devido à menor pressão de pragas. E também há estimativa de incremento na produtividade média, com um melhor estado fitossanitário visualizado nesse ciclo em relação a 2024.

FEIJÃO-CAUPI

Paraíba: a tradicionalmente o feijão-caupi tem plantio mais precoce que o feijão cores no estado, porém, neste ciclo, o cultivo também sofreu expressivo atraso na sua evolução, por conta de período de estiagem lá no período inicial da semeadura. Com a irregularidade das chuvas, esse deslongamento se deu

no Sertão Paraibano, mesmo com a pluviosidade dentro da média histórica, o que desmotivou o início do plantio com grande escalamento, além da necessidade de replantio em algumas áreas e até mesmo a substituição do cultivo por uma cultura mais resistente ao estresse hídrico, como o sorgo para forragem.

A cultura é frequentemente semeada em consórcio com o milho, tendo potencial produtivo mais baixo. Nesse ciclo, a irregularidade pluviométrica também comprometeu a expectativa de produtividade, visto que o atraso na semeadura altera o calendário usual e faz com que a cultura se desenvolva em um cenário desfavorável, fora da estação chuvosa habitual.

Atualmente, as lavouras estão em diferentes fases fenológicas, além disso, com áreas já colhidas, cerca de 70% da área total colhida. Contudo, a qualidade e o rendimento do grão têm se mostrado comprometidos por essas intempéries climáticas.

Bahia: a colheita foi finalizada ainda na primeira quinzena de agosto, visto que o clima mais seco favoreceu a secagem e maturação dos grãos, bem como as operações de campo para colheita.

Mesmo com a oscilação pluviométrica em algumas etapas do ciclo, o desenvolvimento geral da cultura foi muito bom, até mesmo aproveitando-se da maior tolerância ao estresse hídrico e térmico que esse grupo de feijão possui. Assim, a produtividade média alcançada foi acima do valor obtido na temporada anterior, perfazendo uma produção total positiva, já que a área plantada também apresentou incremento em relação ao exercício passado.

Rio Grande do Norte: a colheita está finalizada, confirmando as expectativas iniciais de redução na área plantada e na produtividade média em comparação com o ciclo passado. Esses decréscimos têm intima relação com as condições

climáticas ao longo da safra, pois a distribuição e o volume pluviométrico incidido foram irregulares e trouxe incertezas à época do plantio, bem como reverberou no potencial produtivo quando a escassez pluviométrica ocorreu em fases reprodutivas na fenologia da cultura.

Maranhão: com o clima mais seco no último mês houve o favorecimento para a maturação dos grãos e para o avanço da colheita, que foi finalizada ainda em agosto.

No geral, a cultura teve bom desenvolvimento, mesmo com oscilações climáticas ao longo do ciclo. A produtividade média obtida foi ligeiramente superior do que no ano passado, e a qualidade dos grãos foi considerada satisfatória.

QUADRO 4 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

UF	Mesorregiões	Produção* %	Legenda – Condição hídrica						
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
TO	Ocidental do Tocantins	2,41			S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
MA	Sul Maranhense	0,79		S/E	E/DV	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Noroeste Cearense	2,00		S/E	E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Norte Cearense	1,22		S/E	E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
CE	Sertões Cearenses	1,39		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Jaguaribe	0,55		PS	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sul Cearense	0,69		PS	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
RN	Oeste Potiguar	0,48		PS	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
PB	Agreste Paraibano	0,91			S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C
PE	Sertão Pernambucano	0,42		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Agreste Pernambucano	0,52		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Norte Mato-grossense	5,81		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
MT	Nordeste Mato-grossense	0,91		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Mato-grossense	1,71		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	0,77			S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C

Continua

Legenda - Condição hídrica								
UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão segunda safra - Safra 2024/25					
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
GO	Leste Goiano	0,64			S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C
	Sul Goiano	1,42			S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C
	Noroeste de Minas	0,62	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Norte de Minas	1,14	PS	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,30	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Central Mineira	0,42	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
MG	Metropolitana de Belo Horizonte	0,56	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Oeste de Minas	1,70	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Sul/Sudoeste de Minas	3,02	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Campo das Vertentes	4,54	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Zona da Mata	1,22	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Centro Ocidental Paranaense	1,33	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Norte Central Paranaense	0,81	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Centro Oriental Paranaense	5,64	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C
PR	Oeste Paranaense	1,72	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Sudoeste Paranaense	17,78	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Centro-Sul Paranaense	8,67	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Sudeste Paranaense	6,14	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Metropolitana de Curitiba	0,91	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C
SC	Oeste Catarinense	3,81	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
RS	Noroeste Rio-grandense	2,25	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

FEIJÃO TERCEIRA SAFRA 2024/25

TABELA 9 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	577,8	1.062	613,8
2018/19	581,0	1.253	728,0
2019/20	588,8	1.481	872,1
2020/21	567,8	1.373	779,6
2021/22	530,6	1.333	707,2
2022/23	516,4	1.574	813,0
2023/24	470,2	1.680	789,9
2024/25	Ago./25	1.686	659,1
	Set./25	1.722	662,9

Fonte: Conab.

FEIJÃO-COMUM CORES

Paraná: em agosto, as precipitações que ocorreram no norte paranaense, região onde se concentra essa produção de feijão terceira safra, foram de baixo volume e irregulares. Assim, os estágios de umidade nos solos estão mais baixos, preocupando o potencial produtivo das lavouras que hoje se apresentam nas fases mais críticas do ciclo para a produção final, como o estádio de enchimento de grãos.

Ainda assim, a estimativa de produtividade média para a cultura se mostra bem superior ao valor que foi alcançado no ano passado, especialmente pelas condições climáticas mais adversas vistas em 2024.

Pouco mais de 10% da área estava colhida ao final de agosto e o restante das lavouras variavam entre as fases de enchimento de grãos e maturação.

Minas Gerais: a colheita se encaminha para a fase final, com 88% da área total já efetuada. Com esse avanço nas operações foi possível confirmar a perda de potencial produtivo nesse ciclo, especialmente por conta da alta infestação de mosca-branca na maior parte dos municípios produtores. A praga esteve presente também nas lavouras de soja, e acabou migrando para as lavouras de feijão por meio da ponte verde, que é quando ocorre a migração de pragas e insetos de uma cultura para outra, criando uma continuidade no ciclo. Na prática, o atraso na colheita das lavouras de soja, onde havia registros de mosca-branca, e a antecipação do plantio do feijão, favoreceram a continuidade do ciclo da praga que infectou sobremaneira as lavouras, comprometendo a produtividade.

Muitas lavouras, especialmente no Noroeste mineiro, tiveram perdas significativas. O manejo fitossanitário foi realizado na maioria dos casos e

conseguiu mitigar parte dos danos, porém a média do rendimento ficará abaixo da produtividade alcançada em 2024.

Além disso, nesta safra houve redução de área plantada em relação à temporada anterior, principalmente em razão dos preços menos atrativos deste ciclo e por conta também da alta pressão de mosca-branca desde o início do cultivo.

Goiás: a colheita avançou bastante e está em fase final, restando cerca de 10% da área total, que deve ser executada nos próximos dias, já que as lavouras remanescentes já estão em maturação e também porque o período de vazio sanitário está em iminente início.

Vale ressaltar que, no geral, o ciclo foi positivo para a cultura, contudo houve perdas pontuais, especialmente no Leste goiano, principalmente na região de Cristalina, que é a de maior concentração da produção, por conta de maior incidência de mosca-branca e a participação do Mosaico Dourado em algumas áreas. Isso reduziu a expectativa de produtividade média da cultura.

Mato Grosso: devido à típica falta de chuvas no período, associada à baixa umidade do ar, foi necessário o suporte da irrigação suplementar ao longo de agosto para manter sobretudo o desenvolvimento vegetativo das lavouras.

A colheita foi iniciada nas primeiras áreas ainda no início do mês e avançou consideravelmente, chegando a mais de 60% da área total ao final do período. A redução na área plantada em comparação com o ano passado deve impactar o resultado final, embora as boas condições fitossanitárias e o bom manejo aplicado sobre a cultura, até mesmo com o uso de irrigação suplementar, gere melhores expectativas para a produtividade média e para a qualidade dos grãos.

A colheita deve ser finalizada na segunda semana de setembro, assim, liberando espaço para semeadura da soja na sequência.

Bahia: o plantio foi concluído, e houve a confirmação de significativa redução na área cultivada em comparação com a temporada passada em razão de fatores como questões climáticas, como falta de chuva durante o desenvolvimento da cultura ou excesso de precipitações no período da colheita, assim como perda de zoneamento, dificuldades no financiamento bancário, infestação recorrente de mosca-branca, falta de mão de obra para a colheita, substituição pelo cultivo do milho e alta volatilidade no preço do grão no momento da colheita.

A cultura vem se desenvolvendo em condições oscilantes, uma vez que nos últimos dias houve registro de maiores chuvas, mesmo que esparsas, algo que ajudou a recuperar parte do potencial produtivo das lavouras que vinham sofrendo previamente com a escassez de precipitações. No geral, a média produtiva da região ainda é considerada baixa para o feijão-comum cores, porém há de se considerar a grande participação de pequenas e médias propriedades, que realizam o cultivo para subsistência e/ou que acabam lançando mão de baixa tecnologia no manejo da cultura, possuindo assim menor potencial.

Atualmente, as lavouras estão em fase de enchimento de grãos, maturação e colheita. As plantas estão com bom aspecto, mesmo com relatos de infestação por mosca-branca. O produto colhido é de boa qualidade, e o rendimento médio esperado já é superior ao resultado alcançado em 2024. Apesar do clima mais favorável, os produtores que investiam mais nas lavouras, consequentemente alcançavam maiores produtividades, migraram para o cultivo do milho.



Foto 1 - Feijão-cores 3ª safra irrigado em enchimento de Grãos - Lençóis-BA

Fonte: Conab.

Pernambuco: o ciclo tem avançado, mesmo com o início da colheita no último mês. A maioria das lavouras estão em fase de maturação dos grãos, e as condições gerais são boas para a cultura, gerando perspectiva de aumento na produtividade média em relação ao resultado obtido em 2024.

A safra se encontra no Agreste Pernambucano, concentradas na microrregião de Garanhuns.

Alagoas: as lavouras se encontram com 95% entre as fases de enchimento de grãos e maturação. As chuvas em agosto reduziram um pouco a expectativa de colheita e mantiveram a estimativa de produtividade média abaixo do valor obtido no ano passado. Além disso, o ciclo apresentou redução na área plantada, devendo contribuir para a confirmação de um resultado final inferior aquele alcançado em 2024.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Pernambuco: o cultivo é tradicionalmente mais tardio que o plantio do feijão-comum cores, e também se concentra na microrregião de Garanhuns, no Agreste Pernambucano. Com o aporte hídrico melhorado, garantiu-se a umidade adequada no solo, algo que garantiu um maior potencial produtivo para a cultura neste ciclo, mesmo com estimativa de aumento na produtividade média em comparação com a temporada anterior.

Atualmente, as lavouras se encontram entre as fases de maturação e início da colheita.

Paraíba: a semeadura da cultura ocorre, principalmente, na Zona da Mata, Agreste e Borborema. Até agosto havia 47,3% da área esperada efetivamente semeada, aproveitando o período chuvoso de cada região, não seguindo, necessariamente, o calendário agrícola oficial. Há um atraso no plantio em algumas localidades, mas a expectativa é alcançar a totalidade da semeadura na área inicialmente estimada.

Quanto ao desenvolvimento das lavouras já implantadas, a cultura se apresenta em fases fenológicas distintas, com destaque para lavouras em enchimento de grãos, maturação e a colheita propriamente dita. Vale destacar que as oscilações pluviométricas tendem a reduzir o potencial produtivo da cultura nesse ciclo.

FEIJÃO-CAUPI

Pernambuco: o ciclo tem avançado, até mesmo com o início da colheita no último mês. A maioria das lavouras estão em fase de maturação dos

grãos, e as condições gerais são boas para a cultura, gerando perspectiva de aumento na produtividade média em relação ao resultado obtido em 2024.

Pará: neste levantamento houve um ajuste importante na área plantada com a cultura, reduzindo a estimativa em razão da substituição de áreas para o cultivo de outras culturas, principalmente mandioca. Essa migração resulta em redução de área bastante acentuada nesta safra em relação à temporada passada. Quanto às condições gerais das lavouras, há um excelente vigor vegetativo, favorecido pelo clima de registros pluviométricos adequado e bom cenário fitossanitário. Isso gera alta perspectiva para o potencial produtivo da cultura, que hoje está majoritariamente na fase de enchimento de grãos.



Fonte: Conab.

Bahia: o plantio foi concluído, e houve a confirmação de significativa redução na área cultivada em comparação com a temporada passada em razão de fatores como questões climáticas, como falta de chuva durante o desenvolvimento da cultura ou excesso de precipitações no período da colheita, assim como perda de zoneamento, falta de mão de obra para

colheita, substituição pelo cultivo do milho e alta volatilidade no preço do grão no momento da colheita.

A cultura vem se desenvolvendo em condições oscilantes, visto que nos últimos dias houve registro de chuvas, mesmo que esparsas e mal distribuídas pela região nordeste do estado, algo que ajudou a recuperar parte do potencial produtivo das lavouras que vinham sofrendo com a escassez de precipitações, embora a cultura seja mais tolerante ao estresse hídrico e térmico.

Atualmente, as lavouras estão em fase de floração, enchimento de grãos, maturação e colheita. As plantas estão com bom aspecto, mesmo com relatos de infestação por mosca-branca. O produto colhido é de boa qualidade, e o rendimento médio esperado já é superior ao resultado alcançado em 2024.

Alagoas: em agosto, os volumes registrados foram bem superiores aos do mês anterior, e isso melhorou bastante as condições edafoclimáticas da cultura. O único contraponto ficou nas áreas em maturação e colheita, que tiveram dificuldades maiores relacionadas a essas precipitações e que acabou gerando queda na qualidade de alguns lotes dos grãos. A maioria das lavouras ainda segue em enchimento de grãos e maturação, e a perspectiva quanto à produtividade média é elevada, ficando bem superior ao resultado obtido em 2024.



Foto 3 - Feijão-caupi 3ª safra em maturação em Anadia-AL

Fonte: Conab.

QUADRO 5 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica								
		Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
UF	Mesorregiões	Produção* %	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
TO	Ocidental do Tocantins	4,55			S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C
PE	Agreste Pernambucano	4,03		S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C
BA	Nordeste Baiano	3,51	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C
MT**	Norte Mato-grossense	18,95			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C
	Noroeste Goiano	4,96	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
GO**	Norte Goiano	1,41	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Leste Goiano	8,61	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sul Goiano	8,16	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
DF**	Distrito Federal	2,14	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C
	Noroeste de Minas	18,76	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C
MG**	Norte de Minas	1,50	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,48	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C
	Ribeirão Preto	1,24			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C
SP**	Bauru	4,86			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C
	Itapetininga	6,10			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) Total ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

ANÁLISE DE OFERTA E DEMANDA

FEIJÃO-COMUM CORES

No atacado paulista, a partir de meados de agosto, o mercado passou a operar com baixo volume de ofertas e melhor demanda. Esta situação foi atribuída à necessidade de reposição de mercadorias e pela dificuldade em adquirir produtos nas zonas de produção a preços mais competitivos.

O comportamento acima refletiu positivamente nos preços de todo o grupo carioca, no entanto, a referida reação está vinculada aos poucos lotes do produto que estão sendo ofertados no mercado, e não, necessariamente, pelo aumento da demanda/consumo. A preferência dos compradores continua por mercadorias de padrão comercial, que se encontram escassas, e os poucos lotes ofertados, de bom padrão, são rapidamente negociados.

Por outro lado, os compradores estavam na expectativa de encontrar preços mais em conta com a virada da quinzena, mas se depararam com um mercado menos ofertado e preços mais aquecidos, mesmo adotando a estratégia de adquirir o mínimo necessário, visando à retração das cotações.

A colheita da terceira safra irrigada está sendo finalizada, no entanto, a maior parte da produção ainda não foi comercializada pelos produtores. Quanto à safra baiana, nota-se uma expressiva redução da área cultivada, devido: frustrações de safras anteriores por questões climáticas, infestação recorrente de mosca-branca, falta de mão de obra para colheita, e alta volatilidade no preço do grão no momento da colheita. As lavouras estão em fase de enchimento de grãos, maturação e colheita, e apresentam bom aspecto, mesmo com relatos de infestação por mosca-branca, e o produto colhido apresenta boa qualidade com produtividade dentro do esperado.

Diante dos problemas ocorridos na safra baiana, a transferência de produção da Região Centro-Sul para o abastecimento do Nordeste deverá ser mais intensa, podendo, até mesmo, provocar maiores elevações de preços.

Nesta terceira e última safra, em torno de 80% da produção é obtida por produtores empresários, que além de contar com uma melhor mercadoria, adotam a estratégia de escalonar as vendas com o propósito de forçar uma maior alta das cotações. No entanto, corretores/produtores continuam indecisos nas negociações, uns se sentem forçados a vender boa parte da mercadoria, acreditando não compensar estocá-la devido às poucas perspectivas para reação dos preços. Outros preferem aguardar um melhor momento para a comercialização, apostando numa expressiva valorização da mercadoria a partir de outubro. Mas mesmo com a concentração da colheita em agosto/setembro, em virtude do vazio sanitário, os preços se encontram remuneradores devido ao quadro apertado de oferta.

Convém esclarecer que o estoque atual do produto, somado à produção estimada para a terceira safra, serão suficientes para atender o abastecimento interno, com certa normalidade, até boa parte de outubro. Doravante, o mercado deve passar por um período de pouca oferta, uma vez que São Paulo é praticamente o único estado que oferta feijão claro em novembro e dezembro e, mesmo assim, é uma safra pequena para atender todo o país.

A tendência é que os preços continuem firmes até a entrada da nova safra, e as colheitas em curso podem não ser suficientes para atender a demanda dos mercados regionais. Assim, as cotações devem continuar oscilando de acordo com a quantidade ofertada e a demanda, com possibilidade de melhorias, caso ocorram reduções na produção.

FEIJÃO-COMUM PRETO

No atacado paulista, o mercado segue calmo, bem ofertado, e preços estáveis. Nas zonas de produção, nota-se uma grande preocupação com relação à comercialização, vez que os valores recebidos pelos produtores estão bem abaixo do mínimo oficial de R\$ 152,91 por saca de 60 quilos.

Diante da situação acima, e como forma de amparar o produtor familiar, o governo federal destinou R\$ 21,7 milhões para subvenção, visando atender 50 mil toneladas nas modalidades de leilões eletrônicos, PEP e Pepro.

Ainda, com as ofertas decrescentes, a queda da temperatura no Sul do país, o retorno das férias escolares, e, finalmente, os problemas verificados na safra de inverno do feijão-carioca, criam uma expectativa de preços mais valorizados.

SUPRIMENTO

Em se tratando da balança comercial, entre janeiro e julho de 2025, foram importadas 4,9 mil toneladas, contra 9 mil toneladas no mesmo período de 2024. Esta redução deve-se, em parte, ao volume recorde de produção colhido no Paraná, quantidade superior ao consumo estimado e o maior registrado na história. Quanto às exportações, de janeiro a julho de 2025, foram exportadas 219 mil toneladas, ou 95,1 mil toneladas a mais que o registrado no mesmo período de 2024.

Para a elaboração do balanço de oferta e demanda, para a temporada 2024/25, prevê-se o seguinte cenário: computando as três safras, o trabalho de campo, realizado por técnicos da Conab em julho, chega-se em um

volume médio de produção estimado em 3,07 milhões de toneladas, 3,9% abaixo da registrada na colheita anterior.

Com este volume total de produção estimado, partindo-se do estoque inicial de 196 mil toneladas, o consumo em 2,85 milhões de toneladas, as importações em 13,9 mil toneladas, e as exportações em 271,3 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem na ordem de 162 mil toneladas, volume que deverá contribuir para a manutenção da normalidade do abastecimento interno.

TABELA 10 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL	
2018/19	307,3	3.017,7	150,8	3.475,8	3.050,0	166,1	259,7	
2019/20	259,7	3.222,1	113,6	3.595,4	3.150,0	176,7	268,7	
2020/21	268,7	2.893,8	83,1	3.245,6	2.900,0	223,7	121,9	
2021/22	121,9	2.990,2	76,1	3.188,2	2.850,0	136,1	202,1	
2022/23	202,1	3.036,7	69,0	3.307,8	2.850,0	139,0	318,8	
2023/24	318,8	3.198,6	22,2	3.539,6	3.000,0	343,6	196,0	
2024/25	ago/25	196,0	3.085,4	13,9	3.295,3	2.900,0	271,3	124,0
	set/25	196,0	3.073,4	13,9	3.283,3	2.850,0	271,3	162,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2025.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de feijão, [clique aqui](#).



MILHO

ÁREA
21.857,5 mil ha
+3,8%

PRODUTIVIDADE
6.391 kg/ha
+16,5%

PRODUÇÃO
139.695,8 mil t
+20,9%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

MILHO PRIMEIRA SAFRA

TABELA 11 - MILHO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	4.103,9	6.249	25.646,7
2019/20	4.235,8	6.065	25.689,6
2020/21	4.348,4	5.686	24.726,5
2021/22	4.549,2	5.501	25.026,0
2022/23	4.444,0	6.160	27.373,2
2023/24	3.970,1	5.784	22.962,2
2024/25	Ago./25	3.772,6	24.935,8
	Set./25	3.772,6	24.935,8

Fonte: Conab.

A colheita da primeira safra 2024/25 de milho foi encerrada em todo o país, com o Maranhão e Pará encerrando os trabalhos em meados de agosto. Na safra 2024/25, o plantio ocorreu em 3.772,6 mil hectares, 5% inferior ao registrado na última safra, mas a produção está estimada em 24.935,8 mil toneladas, 8,6% superior ao último ciclo.

Apesar deste boletim de safra ainda ser referente ao ciclo 2024/25, o cultivo da primeira safra 2025/26 de milho já foi iniciado no Rio Grande do Sul em razão do seu calendário diferenciado. As regiões que iniciaram a operação foram o Alto Uruguai, Missões e Fronteira Oeste, mas ao final de agosto também já se observavam áreas semeadas em outras regiões. Apesar das temperaturas não terem sido as mais adequadas, a frequência e volume das chuvas possibilitaram bons índices de armazenagem de água nos solos, permitindo boas condições de trafegabilidade das máquinas, bem como para a germinação das sementes. Ao final de agosto, o plantio alcançava 32% da área prevista.

QUADRO 6 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica														
UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2024/2025											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
								S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C		
							S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
PA	Sudeste Paraense	1,85												
TO	Occidental do Tocantins	0,90					S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Oriental do Tocantins	0,63					S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MA	Oeste Maranhense	1,43						S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Centro Maranhense	0,58						S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Leste Maranhense	0,49						S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sul Maranhense	3,36					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
PI	Sudoeste Piauense	7,00					S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano	8,11					S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense	0,77					S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	
	Centro Goiano	0,53					S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano	1,89					S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C
	Sul Goiano	2,40					S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C
	Noroeste de Minas	3,35					S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	C
	Norte de Minas	0,71					S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	C
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	5,78					S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	C
	Oeste de Minas	1,58					S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C
	Sul/Sudoeste de Minas	3,98					S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C
	Campo das Vertentes	2,15					S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C
	Zona da Mata	0,57					S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C

Continua

Legenda – Condição hídrica											
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2024/2025											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
SP	São José do Rio Preto	0,67			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Ribeirão Preto	0,65			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Bauru	0,98			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Campinas	1,57			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Itapetininga	2,00			S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
PR	Macro Metropolitana Paulista	0,72			S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Norte Pioneiro Paranaense	0,62			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Oriental Paranaense	3,05			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Oeste Paranaense	0,65			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	1,15			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
SC	Centro-Sul Paranaense	3,74			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Sudeste Paranaense	2,14			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Metropolitana de Curitiba	1,78			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Oeste Catarinense	5,02			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Norte Catarinense	1,26			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C	
RS	Serrana	1,70			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C	
	Vale do Itajaí	0,71			S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C	
	Sul Catarinense	0,49			S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C	
	Noroeste Rio-grandense	8,44	S/E		S/E/DV	E/DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C	
	Nordeste Rio-grandense	2,68			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C	
RS	Centro Ocidental Rio-grandense	0,47	S/E		S/E/DV	E/DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense	1,15			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C	
	Metropolitana de Porto Alegre	0,59			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C	
	Sudoeste Rio-grandense	0,75	S/E		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C	
	Sudeste Rio-grandense	0,55			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2023) / Conab.

MILHO SEGUNDA SAFRA

TABELA 12 - MILHO SEGUNDA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	12.878,0	5.682	73.177,7
2019/20	13.755,9	5.456	75.053,2
2020/21	14.999,6	4.050	60.741,6
2021/22	16.369,3	5.247	85.892,4
2022/23	17.192,7	5.954	102.365,1
2023/24	16.437,4	5.491	90.255,0
2024/25	Ago./25	6.332	109.567,2
	Set./25	6.428	112.032,8

Fonte: Conab.

A colheita da segunda safra de milho alcançou 97% da área cultivada no início de setembro, aproximando-se da média dos últimos anos e devendo finalizar em meados de setembro. As produtividades obtidas foram superiores às estimativas iniciais e à safra passada, nos onze principais estados produtores, com recordes de rendimento em alguns deles, resultado das boas condições climáticas e da alta tecnologia empregada pelos produtores.

Em Mato Grosso, a colheita foi finalizada, com novo aumento de produtividade neste levantamento, e alcançando, sozinho, uma produção estimada de 54,492 milhões de toneladas, o que representa 49% da produção total do milho segunda safra no país.

Nesta safra, o plantio foi estimado em 17.427,9 mil hectares, área 6% superior à cultivada no último ciclo, e a produção esta estimada em 112.032,8 mil toneladas, 24,4% superior à obtida no último ciclo, 9,4% maior que o recorde da safra 2022/23, fazendo desta a maior segunda safra de milho segunda safra já colhida no país.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: a colheita do milho segunda safra no estado atingiu um marco significativo, encerrando-se com elevada produtividade média estadual. O resultado é fruto da combinação das condições climáticas favoráveis, associada às práticas agrícolas avançadas com o uso de sementes de alta qualidade e manejo eficiente no uso de fertilizantes e contenção de pragas. Tal conjuntura culminou no recorde de produtividade e produção, beneficiando não apenas produtores locais como também o abastecimento nacional e global.

Paraná: a colheita se aproxima da finalização no estado. Apesar das estimativas de redução de produtividade em relação aos levantamentos realizados devido à ocorrência de geadas em junho, a cultura fecha esta safra com resultados positivos. Isso foi possível ao clima mais favorável durante a maior parte do ciclo e pelo fato que as geadas ocorreram em regiões onde as lavouras estavam em fases de menor suscetibilidade. A produtividade desta safra ficou estimada em 6.185 kg/ha, 24,6% superior ao obtido no último ciclo.

Mato Grosso do Sul: a colheita segue intensificada e, apesar das intempéries ocorridas durante a safra, o potencial produtivo vem confirmando as ótimas médias produtivas do estado. A ocorrência de dias quentes e baixa umidade relativa proporcionou a perda de umidade nos grãos e, consequentemente, a evolução da colheita. Na região centro-sul, foram realizados apenas ajustes pontuais e, devido ao elevado percentual colhido, a produtividade final está consolidada. Por outro lado, a região norte segue mais atrasada devido ao calendário de plantio mais tardio, onde a colheita progrediu em um ritmo mais acelerado somente a partir do primeiro decêndio de agosto.



Foto 4 - Milho 2ª safra em maturação - Douradina-MS

Fonte: Conab.

Minas Gerais: o milho segunda safra no estado teve um início de ciclo bastante desafiador em razão do veranico de fevereiro, atrasando o plantio consideravelmente, de maneira que mais da metade da área foi semeada fora da janela ideal. Consequentemente, as operações de colheita se encontram atrasadas em relação à safra 23/24, na qual a seca foi a grande responsável por adiantar o ciclo da cultura. Salientamos que em parte dos municípios, a colheita do milho cedeu espaço para os avanços nas operações do sorgo, atrasando mais ainda a conclusão da safra, pois naquela cultura os grãos já estavam bastante secos, o que poderia gerar quebras.

A maioria dos plantios fora da janela ideal de cultivo foram beneficiados pelos melhores índices de umidade do solo devido às chuvas que se estenderam até o final de abril. Outro ponto que incrementou a produtividade foi a elevação do nível tecnológico dos produtores que propiciou um bom desempenho, mesmo com elevada pressão da cigarrinha e ao aumento da

incidência de doenças fúngicas na cultura. Dessa maneira, encerramos o último levantamento com uma produtividade de 5.904 kg/ha, o que representa um rendimento de 21,8% maior do que o atingindo no final da última safra.

Goiás: após revisarmos o mapeamento de milho segunda do estado, ajustamos a área semeada para 1.820 mil hectares. A produtividade média do estado neste fechamento é de 6.987 kg/ha, de acordo com a ponderação dos municípios levantados. Vale ressaltar que a região sudoeste foi grande responsável por alavancar a produtividade média do estado, alcançando 8.400 kg/ha, considerado um recorde para a região. Além de baixa pressão de pragas e consequente baixa carga de defensivos, o regime pluviométrico foi extremamente favorável ao cereal. O mês encerra com 98% de área colhida em Goiás.

São Paulo: a colheita do milho segunda safra já está bem avançada nas regiões de maior produção do estado, e a produtividade média segue elevada. Mesmo as áreas semeadas tardeamente têm apresentado bons rendimentos, fazendo com que a estimativa de rendimento fosse aumentada neste levantamento.

Distrito Federal: a segunda safra se encontra com 90% da área colhida e o restante está em fase final de colheita. A expectativa é que a colheita seja finalizada até a primeira quinzena de setembro, dentro do calendário habitual. A área plantada cresceu 16,3% em relação ao ciclo passado, e a produtividade média obtida até o momento é de 6.600 kg/ha.

Maranhão: o plantio da segunda safra de milho, predominante na região sul do estado, ocorreu entre fevereiro e março de 2025. A colheita, iniciada em junho, foi finalizada no início de agosto. Na safra 2024/25, a área estimada

ficou em 299 mil hectares, com aumento de 14,8% em comparação ao ano anterior, devido ao maior interesse no cultivo dessa cultura, uma vez que houve a construção de uma unidade de biorrefinaria no município de Balsas. A produtividade estimada é de 6.300 kg/ha, 26,5% maior do que a obtida no ano anterior, em razão de chuvas favoráveis no estágio de enchimento de grãos nas lavouras implantadas na janela adequada. Em algumas áreas de cultivo dos municípios de São Raimundo das Mangabeiras e São João dos Patos, o menor volume de chuvas causou perda de produtividade, mas foi compensada com as altas produtividades obtidas na maioria dos municípios produtores.

Piauí: as lavouras se estabeleceram em boas condições, em sua maioria, apenas algumas áreas nos municípios de Uruçuí e Sebastião Leal sofreram com veranico, em fevereiro e parte de março, registraram perda de produtividade. Ainda assim, confirmou-se produtividade recorde no estado, de 38,6% superior à da safra anterior em virtude da ocorrência de chuvas no início de maio, situação que foi determinante para fixar a produtividade em estágios mais satisfatórios. Como nesta safra a semeadura iniciou mais cedo e em muitas áreas ela se estendeu, houve aumento de área de 36,8% em relação à safra anterior em virtude desta maior janela de plantio.

Bahia: a colheita está finalizada, obtendo-se produtividade superiores à safra passada. O melhor desempenho se deve à antecipação do plantio, maior janela de umidade disponível no solo e menor incidência de pragas.

Ceará: a cultura sofreu uma queda expressiva nos rendimentos nesta safra. O veranico da primeira quinzena de fevereiro, durante a implantação da cultura, e a escassez de chuvas em abril e maio afetaram o desenvolvimento do cereal, principalmente no centro do estado.

Rio Grande do Norte: o milho é uma das principais culturas do estado e apresentou retração na safra 2024/25 de 4,7%. Esse movimento reflete o menor interesse dos produtores pela cultura, em grande parte motivado pelas incertezas climáticas que aumentaram o risco de perdas ao longo do ciclo produtivo. Além da diminuição da área cultivada, verificou-se queda expressiva na produção total devido às adversidades climáticas, sobretudo a estiagem prolongada e a irregularidade das chuvas em fases críticas do desenvolvimento das lavouras.

Paraíba: devido ao veranico ocorrido entre fevereiro e março houve perda significativa da cultura, que se encontrava em seu estágio inicial de desenvolvimento, o que acarretou a necessidade de replantio, principalmente no Alto Sertão, e substituição de parte da área para o plantio de sorgo forrageiro. Neste levantamento, as lavouras de milho se encontram em condições de regular a ruim, com 73% da área colhida no final de agosto.

Pernambuco: as lavouras de milho segunda safras tiveram seu potencial produtivo reduzido devido ao deficit hídrico na fase de desenvolvimento vegetativo e início da formação da espiga. Estes fatores afetaram a produção e a rentabilidade da cultura. Em algumas situações os agricultores estão optando em fazer silagem do milho como alternativa para amenizar o prejuízo com a lavoura.

Tocantins: a colheita foi finalizada no estado, com produtividade média estimada em 5.446 kg/ha, reflexo das boas condições climáticas ocorridas e dos investimentos realizados pelos produtores.

Pará: segundo depoimento dos próprios produtores, esta foi a melhor safra dos últimos anos. As chuvas bem distribuídas, alternadas com períodos de sol, aliadas ao investimento dos produtores, resultou numa produtividade

estimada de 4.666 kg/ha. A maioria das lavouras já foram colhidas, restando menos de 20% no campo, estando elas nos polos Santarém e Paragominas.

Rondônia: apesar do atraso da implantação das lavouras no centro/norte do estado, as chuvas constantes proporcionaram que o cultivo se desenvolvesse favoravelmente em todos os estádios. A colheita já alcançou 98% da área, faltando apenas talhões semeados tarde.

QUADRO 7 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO SEGUNDA SAFRA

Legenda – Condição hídrica									
	Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
		Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
		Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho segunda safra - Safra 2024/25							
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense	1,40		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	M/C	C
PA	Baixo Amazonas	0,41		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	EG/MC	M/C
	Sudeste Paraense	0,55		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	EG/MC	M/C
TO	Occidental do Tocantins	0,95	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	M/C	
	Oriental do Tocantins	0,97	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	M/C	
MA	Sul Maranhense - MA	0,83	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
PI	Sudoeste Piauiense	0,67		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Norte Mato-grossense	32,89	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
MT	Nordeste Mato-grossense	8,14	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Mato-grossense	0,79	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Centro-Sul Mato-grossense	0,64	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense	5,87	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	2,63	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul	0,96	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	9,16	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C
GO	Norte Goiano	0,25	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Centro Goiano	0,58	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Leste Goiano	1,08	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sul Goiano	10,71	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
DF	Distrito Federal	0,19	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C

Continua

Legenda – Condição hídrica								
Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho segunda safra - Safra 2024/25								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
MG	Noroeste de Minas	0,85	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	1,51	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul/Sudoeste de Minas	0,29		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
SP	Ribeirão Preto	0,19		S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Bauru	0,19		S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Assis	1,28		S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
PR	Itapetininga	0,51		S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Noroeste Paranaense	0,98	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Ocidental Paranaense	2,21	S/E	S/E/DV	E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
PR	Norte Central Paranaense	3,39		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
	Norte Pioneiro Paranaense	1,56		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
	Oeste Paranaense	4,86	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Paranaense	0,40	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: *IBGE (PAM 2023)/Conab.

MILHO TERCEIRA SAFRA

TABELA 13 - MILHO TERCEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	511,0	2.385	1.218,7
2019/20	535,6	3.305	1.843,6
2020/21	595,6	2.734	1.628,5
2021/22	662,1	3.341	2.211,9
2022/23	637,1	3.664	2.334,6
2023/24	650,1	3.868	2.514,9
2024/2	Ago./25	4.156	2.502,2
	Set./25	4.152	2.727,6

Fonte: Conab.

As precipitações ocorridas em agosto favoreceram a finalização do ciclo do cereal em todas as regiões produtoras. A maioria das lavouras chegaram ao final do ciclo em boas condições, e as estimativas de produtividade refletem este otimismo. A produção estimada do cereal é de 2,72 milhões de toneladas, recorde para a terceira safra, e a colheita se inicia em meados de setembro.

ANÁLISE ESTADUAL



Foto 5 - Milho 3ª safra em enchimento de grãos Batalha-AL

Fonte: Conab.

Alagoas: cerca de 95% das lavouras se encontram em fase de enchimento de grãos e maturação. As áreas observadas apresentam excelente desenvolvimento, com talhões uniformes e bom desenvolvimento de espiga. Grande parte das lavouras do estado estão concentradas na região da bacia leiteira, com destaque para o município de Major Isidoro. Próximos, destacam-se Batalha e Jaramataia. Para este levantamento, registra-se leve redução da área plantada devido à destinação das piores áreas para silagem.



Foto 6 - Milho 3ª safra em desenvolvimento vegetativo
Irrigado - Lençóis-BA

Fonte: Conab.

Bahia: na região nordeste, as lavouras estão em fase de floração, enchimento de grãos e maturação. Apesar da redução das chuvas, as lavouras apresentam bom desenvolvimento e baixa infestação de cigarrinha e lagarta, por isso segue o otimismo quanto à expectativa de produção. Na região oeste, as lavouras seguem em fase de enchimento de grãos e maturação. A boa qualidade das lavouras, com baixa infestação de cigarrinhas gera expectativa de boas produtividades. A colheita deve ser iniciada no início de setembro.

Pernambuco: a produção de milho da terceira safra no estado concentra-se no Agreste. Devido ao atraso das chuvas, a semeadura foi concluída apenas no final de maio. As lavouras apresentam boas condições e encontram-se, em sua maioria, no estádio de maturação.

Sergipe: durante este levantamento, observou-se que o desenvolvimento vigoroso da cultura nas principais regiões produtoras indica a perspectiva de bom rendimento, apesar da ocorrência de algumas exceções. A regularidade das chuvas em agosto foi decisiva para compensar os efeitos da estiagem em algumas áreas em julho, condição que garantiu bom desenvolvimento

e possibilidade de resultado final satisfatório para a maioria das lavouras.

Na região semiárida, onde se encontra a Bacia Leiteira do estado, observou-se uma intensificação no corte de áreas para a produção de silagem. Em virtude do clima mais seco, típico da região, as lavouras estão menos vigorosas nos dois municípios visitados, Monte Alegre e Poço Redondo.

Destacamos no presente relatório uma situação nova e inusitada, em se tratando de uma Unidade da Federação com pequena extensão territorial. Enquanto em algumas regiões teremos impacto na produtividade por conta da ocorrência de veranicos, no Sul, o excesso de chuvas nas áreas em maturação pode afetar a qualidade dos grãos. Mesmo com essas situações, ainda é estimada uma produtividade de 5.985 kg/ha.

Neste levantamento foi ajustada a área de plantio da safra 2023/24 para 190,4 mil hectares. Esse número foi alcançado mediante mapeamento manual das áreas de cultivo, este trabalho foi realizado pela Superintendência Regional de Sergipe, em parceria com a Universidade Federal de Sergipe. O trabalho poderá ser acessado no sítio <https://portaldeinformacoes.conab.gov.br/mapeamentos-agricolas-downloads.html>.

QUADRO 8 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO TERCEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica														
UF	Mesorregiões	Período	Milho terceira safra - Safra 2024/2025											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
				MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN		
RR	Sul de Roraima	0,58	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C					
		3,61	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C					

UF	Mesorregiões	Prod.	Milho terceira safra - Safra 2024/2025											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
			MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN			
PE	Sertão Pernambucano	0,30	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C					
	Agreste Pernambucano	1,82	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C					
AL	Sertão Alagoano	0,98	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C					
	Agreste Alagoano	2,07	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C					
	Leste Alagoano	0,70	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C					
SE	Sertão Sergipano	25,38	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C				
	Agreste Sergipano	16,48	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C				
	Leste Sergipano	4,03	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C				
BA	Extremo Oeste Baiano**	1,77	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C					
	Nordeste Baiano	41,67	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C				
	Centro Norte Baiano	0,32	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C				

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: *IBGE (PAM 2022)/Conab.

OFERTA E DEMANDA

Para a safra 2024/25, a Conab prevê uma produção total de 139,7 milhões de toneladas de milho, o que representa um acréscimo de 20,9% em relação à safra anterior. Essa expansão decorre, principalmente, da recuperação esperada da produtividade e do aumento da área plantada com milho de segunda safra. Cabe destacar que a Conab projeta um crescimento de 3,8% na área total cultivada e um acréscimo de 16,5% na produtividade do setor.

Quanto à demanda doméstica, a companhia estima que 90,5 milhões de toneladas de milho da safra 2024/25 serão consumidas internamente ao longo de 2025, um aumento de 7,7% em comparação com a safra anterior, impulsionado pela crescente produção de etanol de milho.

No que diz respeito à balança comercial, o volume total de importações na safra 2023/24 foi de 1,6 milhão de toneladas, em razão da redução do excedente produtivo nacional. Para a safra 2024/25, projeta-se um

comportamento próximo à estabilidade nas importações, diante da expectativa de manutenção do cenário de menor excedente produtivo no país.

Em relação às exportações, diante da menor oferta nacional na safra 2023/24, o Brasil comercializou 38,5 milhões de toneladas, volume 29,5% inferior ao registrado na safra 2022/23. Para a safra 2024/25, a perspectiva é de aumento nas exportações para 40 milhões de toneladas, diante da projeção de maior disponibilidade de milho no mercado nacional na segunda safra e dos prováveis redirecionamentos de demanda internacional para o milho sul-americano, haja vista os atuais embates tarifários entre os Estados Unidos e importantes importadores do grão.

Como resultado, o estoque de milho em fevereiro de 2026 — ao fim do ano-safra 2024/25 — deverá atingir 12,7 milhões de toneladas, representando um crescimento de 589,2% em relação ao volume da safra 2023/24.

TABELA 14 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL ["]
2018/19	14.558,9	100.042,7	1.596,4	116.198,0	61.937,4	41.074,0	13.186,6
2019/20	13.186,6	102.586,4	1.493,4	117.226,4	67.021,4	34.892,9	15.312,1
2020/21	15.312,1	87.096,8	3.090,7	105.499,6	71.168,6	20.815,7	13.515,3
2021/22	13.515,3	113.130,4	2.615,1	129.260,8	74.534,6	46.630,3	8.095,9
2022/23	8.095,9	131.892,6	1.313,2	141.301,7	79.466,0	54.634,4	7.201,3
2023/24	7.201,3	115.534,6	1.644,7	124.380,6	83.995,5	38.500,9	1.884,2

Para mais informações sobre o progresso da safra de milho, [clique aqui](#).



SOJA

ÁREA
47.350,6 mil ha
+2,7%

PRODUTIVIDADE
3.621 kg/ha
+10,3%

PRODUÇÃO
171.472,3 mil t
13,3%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 15 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - SOJA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	35.874,0	3.337	119.718,1
2019/20	37.361,6	3.382	126.373,8
2020/21	39.762,0	3.525	140.179,3
2021/22	41.793,8	3.130	130.828,7
2022/23	44.514,7	3.575	159.154,3
2023/24	46.095,9	3.282	151.283,4
2024/25	Ago./25	3.561	169.657,0
	Set./25	3.621	171.472,3

Fonte: Conab.

Neste último levantamento da safra 2024/25, a Conab revisou as estimativas de produtividade e área nesta safra e em safras anteriores. Foram feitas novas análises, com o uso de sensoriamento remoto, para ajustes de produtividade e de área cultivada a partir da safra 2021/22, que estão detalhadas no apêndice.

Mesmo assim, se confirma uma produção recorde, agora estimada em 171.472,3 mil toneladas, 13,3% superior à da safra 2023/24 e 7,7% superior ao recorde anterior da safra 2022/23.

ANÁLISE ESTADUAL

Roraima: a colheita avança no estado e é favorecida pela redução das precipitações. As produtividades têm refletido as boas condições climáticas ocorridas durante o ciclo da oleaginosa. A colheita continuará durante setembro.



Foto 7 - Soja - Colheita em Boa Vista - RR

Fonte: Conab.

Tocantins: a colheita da soja avança nas regiões de várzea do Tocantins e deverá ser encerrada em setembro, abrindo espaço para o plantio de arroz. Por se tratar de cultivo para multiplicação de sementes, com o uso de diversas variedades de diversos ciclos, não são esperadas altas produtividades.

Alagoas: as chuvas ocorridas em julho foram inferiores ao ideal e aliadas a altas temperaturas, afetando algumas áreas que se encontravam em enchimento de grãos. Quase metade das áreas são cultivadas em áreas de

renovação de cana-de-açúcar, a apesar dos bons tratos culturais, apresentaram pontualmente desenvolvimento irregular devido a problemas de fixação de nitrogênio. QUADRO 9 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS -



Foto o8 - Soja em fase final de enchimento de grãos (esquerda) e maturação (direita). Limoeiro de Anadia-AL

Fonte: Conab.

SOJA

UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2024/2025								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
RO	Leste Rondoniense	1,01		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
PA	Sudeste Paraense	1,67		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
TO	Occidental do Tocantins	1,65		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Oriental do Tocantins	1,21		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
MA	Sul Maranhense	1,43	S	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C		
PI	Sudoeste Piauiense	2,17	S	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
BA	Extremo Oeste Baiano	5,09	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C		
	Norte Mato-grossense	17,98	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
MT	Nordeste Mato-grossense	5,95	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Sudoeste Mato-grossense	0,76	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense	3,97	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	

Continua

Legenda – Condição hídrica							
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					

UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2024/2025								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	2,07		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul	1,24		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	5,88	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
GO	Noroeste Goiano	0,69		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Goiano	0,65		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Goiano	1,85		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MG	Sul Goiano	7,72		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Noroeste de Minas	1,60		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,74		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
SP	Assis	0,77		S/E/DV	E/DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Itapetininga	0,91		S/E/DV	E/DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Ocidental Paranaense	1,86		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C		
PR	Norte Central Paranaense	2,47		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense	1,24		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Paranaense	1,31		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	
SC	Oeste Paranaense	2,13	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	1,31	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	1,83		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	
RS	Sudeste Paranaense	0,92		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Oeste Catarinense	0,95		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Noroeste Rio-grandense	4,07		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
RS	Nordeste Rio-grandense	0,71		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,87		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Rio-grandense	0,87		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense	1,10		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2023) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

A Conab promoveu importantes revisões de área e produtividade, conforme apresentadas no 12º levantamento, publicadas em setembro de 2025. Com isso, as produções das safras de 2020/21 a 2024/25 foram ajustadas,

resultando em um acréscimo acumulado de 13,12 milhões de toneladas, dentro de um total de 753 milhões de toneladas produzidas no período.

Em consequência dessas atualizações, os dados de esmagamento e, por sua vez, os estoques de passagem também foram ajustados, a fim de alinhar-se com os números divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

As revisões dos volumes de esmagamento tiveram como base os dados da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) e da Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (ABIOVE). Entre as safras de 2020/21 e 2024/25, o processamento acumulado foi ajustado para mais 6,35 milhões de toneladas, totalizando 262,1 milhões de toneladas no período.

Essas alterações refletiram também nas estimativas de produção e comercialização interna de subprodutos do complexo soja. Nas últimas cinco safras, os estoques de farelo de soja aumentaram em 4,7 milhões de toneladas, dentro de um total de 202 milhões de toneladas produzidas. Já o óleo de soja teve um incremento de 1,4 milhão de toneladas nos estoques, considerando uma produção acumulada de 52,5 milhões de toneladas no mesmo intervalo.

Para a safra 2024/25, a produção de grãos foi revista para 171,47 milhões de toneladas, um aumento de 1,81 milhão de toneladas em relação à estimativa anterior. As exportações também foram elevadas em 401 mil toneladas, estimadas agora em 106,65 milhões de toneladas, e os estoques finais devem atingir 10,3 milhões de toneladas.

TABELA 16 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - SOJA - EM MIL T

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
SOJA EM GRÃOS	2023/24	11.033,9	151.283,4	821,0	163.138,3	57.092,5	98.814,5	7.231,3
	2024/25	7.231,3	171.472,3	500,0	179.203,6	62.256,9	106.655,1	10.291,7
FARELO	2023/24	3.481,2	41.019,2	0,7	44.501,1	18.000,0	23.133,8	3.367,3
	2024/25	3.367,3	45.199,4	1,0	48.567,8	19.500,0	23.600,0	5.467,8
ÓLEO	2023/24	311,6	10.905,7	99,2	11.316,5	9.484,0	1.367,2	465,2
	2024/25	465,2	11.753,9	50,0	12.269,1	10.504,0	1.400,0	365,1

Fonte: Conab e Secex.

Nota: Estimativa em setembro/2025.

Estoque de passagem 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de soja, [clique aqui](#).



TRIGO

ÁREA
2.449 mil ha
-19,9%

PRODUTIVIDADE
3.077 kg/ha
+19,3%

PRODUÇÃO
7.536,1 mil t
-4,5%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 17 - TRIGO

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019	2.042,4	2.657	5.427,6
2020	2.040,5	2.526	5.154,7
2021	2.341,5	2.663	6.234,6
2022	2.739,3	2.803	7.679,4
2023	3.473,4	2.331	8.096,8
2024	3.058,7	2.579	7.889,3
2025	Ago./25	3.068	7.811,2
	Set./25	3.077	7.536,1

Fonte: Conab.

Neste 12º levantamento da safra 2024/25, a produção nacional de trigo mantém a tendência de retração observada desde o sétimo levantamento, período em que deixou-se de adotar a estatística como base para definição dos parâmetros estimativos. A atual projeção aponta para um volume de 7.536,7 mil toneladas, valor 4,5% inferior ao registrado na safra anterior.

Em relação ao levantamento anterior, observa-se também uma redução de 3,5% na produção estimada, influenciada, principalmente, pelos ajustes nas áreas cultivadas em estados como Goiás, Paraná e Rio Grande do Sul.

Embora a produtividade média nacional tenha sofrido leve revisão positiva, tal incremento não foi suficiente para compensar as retrações de área.

Do ponto de vista fenológico, quase metade das lavouras brasileiras ainda se encontra em fase de desenvolvimento vegetativo, com destaque para Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Enquanto isso, o Paraná já iniciou a colheita, e Goiás e Minas Gerais aproximam-se da conclusão dos trabalhos de campo. Em Mato Grosso do Sul, a colheita avança com mais da metade da área já colhida.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: a consolidação da área efetivamente semeada confirma uma redução da área cultivada quando comparada à safra passada, assim como ao levantamento passado. Essa diminuição está associada, principalmente, à estiagem ocorrida no verão, que influenciou na rentabilidade das lavouras e no potencial de investimento por parte dos produtores, resultando em postura mais conservadora na área cultivada da cultura, reconhecidamente de alto risco devido à sensibilidade de condições meteorológicas.

Além disso, outros fatores contribuíram para a retração da área, como o preço pago ao produtor, o custo dos financiamentos e dos insumos, a cobertura dos seguros agrícolas, as perdas recentes nas safras de inverno anteriores e a impossibilidade de realizar a semeadura em período ideal em diversas regiões, sobretudo em junho.

Durante agosto, uma fração das lavouras ingressou na fase reprodutiva. Ao final do mês, cerca de 1% das áreas iniciava o enchimento de grãos e aproximadamente 14% estavam em florescimento. O restante se distribuía entre as fases de desenvolvimento vegetativo, com maior presença nas

etapas mais próximas do florescimento, como perfilhamento, alongamento e emborrachamento.

As geadas registradas ao longo de agosto não causaram prejuízos significativos, pois a maior parte das áreas ainda se encontrava em desenvolvimento vegetativo, ou ocorreu de forma branda nas regiões produtoras. No entanto, a possibilidade de novo evento a partir de setembro representa risco elevado, dado que as lavouras estarão em estágios mais sensíveis.

As áreas semeadas no início da janela apresentam estande de plantas ligeiramente prejudicadas, além de sintomas de deficiência nutricional relacionados ao lixiviamento de nutrientes. Por outro lado, as condições meteorológicas observadas em julho e agosto contribuíram para a melhora do aspecto geral dessas lavouras. Já as áreas implantadas mais tarde mostram boa formação de estande e desenvolvimento inicial promissor, com potencial para boas produtividades.

De maneira geral, a condição das lavouras é considerada boa. Entretanto, há uma postura cautelosa quanto às expectativas, considerando o menor investimento em fertilizantes nesta safra. A estimativa de produtividade permanece em 3.172 kg/ha.

Paraná: a colheita teve início pontual em algumas áreas do território paranaense. No entanto, observa-se que as lavouras se concentram, predominantemente, nos estádios de enchimento de grãos e floração.

A área cultivada apresentou retração em relação ao ciclo anterior, resultado das sucessivas frustrações enfrentadas pelos produtores nas últimas safras, o que, somado aos preços pagos pelo cereal, contribuiu para o desestímulo ao cultivo. Soma-se a isso o custo de produção, que, em contraste com a

rentabilidade, aumenta a preocupação dos agricultores quanto ao retorno econômico da atividade. Nesse cenário, pesa também o impacto do calendário do trigo sobre o início da semeadura da soja de primeira safra, influenciando diretamente a tomada de decisão no planejamento agrícola.

Durante agosto, as chuvas foram escassas e mal distribuídas em grande parte das regiões produtoras. Houve registro de temperaturas baixas, especialmente nas primeiras horas do dia, e a presença de orvalho ajudou a manter certo nível de umidade superficial, favorecendo temporariamente o desenvolvimento das culturas de inverno. Contudo, diante dos baixos níveis de umidade no solo observados na maioria das localidades, torna-se necessária a ocorrência de precipitações para evitar queda na produtividade.

Apesar da ocorrência de geadas neste inverno, os danos foram pontuais. Isso se deve ao fato de que a maioria das lavouras se encontrava, no momento da ocorrência do fenômeno, em estágios menos sensíveis ao frio, como o desenvolvimento vegetativo, o que reduziu consideravelmente os efeitos negativos sobre o potencial produtivo.

Foto 9 - Trigo desenvolvimento vegetativo Contenda PR



Fonte: Conab.

São Paulo: as lavouras de trigo se encontram predominantemente em fase de maturação, com previsão de início da colheita ao longo de setembro, acompanhando a necessidade de liberação das áreas para o início da semeadura da soja.

A retração na área destinada ao trigo, em relação ao ciclo anterior, reflete uma série de fatores, que desestimularam os produtores. Entre eles, destacam-se o custo de produção, os prejuízos acumulados nas últimas safras, a comercialização, os preços mais vantajosos do milho e à escolha, por parte de alguns agricultores, pelo cultivo do sorgo como alternativa.

Durante o desenvolvimento da cultura, os triticultores enfrentaram escassez hídrica, o que comprometeu o desempenho das plantas. Soma-se a isso a ocorrência de dois episódios de geada, sendo um deles durante a fase de granação, o que pode afetar a qualidade e o rendimento final da produção, entretanto a produtividade se mantém.

Santa Catarina: apesar da redução na área plantada, motivada sobretudo pela necessidade de ajuste do calendário agrícola visando à semeadura da soja, as lavouras apresentam bom desenvolvimento. A maior parte se encontra nos estágios de perfilhamento, alongamento e início de floração, com boas condições sanitárias e fitossanitárias. Os tratos culturais estão sendo realizados conforme as recomendações técnicas, beneficiados por condições climáticas e níveis de umidade adequados.

Nas regiões Serrana e dos Planaltos, o trigo se encontra, predominantemente, em desenvolvimento vegetativo, com previsão de início da floração nas lavouras mais precoces nos próximos dias. A ausência de ocorrências fitossanitárias de maior gravidade tem permitido que as aplicações de insumos e defensivos ocorram com normalidade, assegurando o bom desempenho das lavouras.

No Meio-Oeste, a semeadura foi concluída ao longo de agosto, nas áreas de maior altitude. Embora algumas regiões tenham apresentado falhas de germinação, o perfilhamento foi favorecido pelas temperaturas mais baixas. A maioria das lavouras exibe bom estado sanitário, com os tratamentos preventivos apresentando eficácia no controle de manchas foliares e oídio. A adubação nitrogenada tem sido conduzida com sucesso.

No Extremo-Oeste, o plantio ocorreu entre junho e o início de agosto, com atrasos pontuais provocados por chuvas. Atualmente, toda a área está implantada, com as lavouras distribuídas entre os estágios de afilhamento, alongamento e espigamento/floração. O desenvolvimento das plantas tem sido considerado normal e satisfatório.

O acompanhamento dos índices de vegetação por sensoriamento remoto mostra que, em agosto de 2025, o NDVI nas principais regiões produtoras do estado superou os valores observados no mesmo período do ciclo anterior, porém esse parâmetro não pode ser considerado isoladamente para a estimativa da produtividade, mesmo que seja um bom indicativo.

Minas Gerais: a colheita do trigo de sequeiro está bastante adiantada, ao contrário das áreas irrigadas, que seguem em estágios finais do ciclo. As primeiras lavouras de sequeiro, implantadas no início da janela, apresentaram bons resultados, enquanto as semeadas mais tarde tiveram menor produtividade. Essa diferença está associada à menor disponibilidade hídrica durante a fase de enchimento de grãos.

Nas áreas irrigadas, concentradas principalmente na região noroeste, as lavouras estão em fase final de enchimento de grãos e avançam para a maturação fisiológica. A colheita nessas áreas deve se intensificar na transição entre agosto e setembro, com expectativa de conclusão ao longo do primeiro decêndio de outubro.

Dessa forma, a produção total permanece praticamente estável em relação ao levantamento anterior. A ligeira queda observada decorre apenas das lavouras de sequeiro, enquanto, para o trigo irrigado, mantém-se a expectativa positiva quanto à produtividade.

Distrito Federal: a colheita do trigo de sequeiro já foi concluída no Distrito Federal. Houve leve redução da área em comparação ao ciclo anterior, acompanhada por um recuo na produtividade frente ao levantamento anterior, resultado principalmente da ocorrência pontual de doenças, especialmente a brusone. Ainda assim, houve crescimento na produção total em relação ao ciclo passado, impulsionado pelo ganho de produtividade observado entre os dois anos.

Nas áreas irrigadas, as lavouras se distribuem entre os estágios vegetativos e o início da colheita. A área cultivada com trigo irrigado foi ampliada em relação ao ciclo anterior. No entanto, a produtividade estimada foi ligeiramente revisada para baixo, reflexo das condições climáticas que favoreceram o aparecimento da brusone, ainda que essa tenha sido controlada com o uso adequado de fungicidas.

Considerando as duas modalidades de cultivo, a área total cultivada com trigo no Distrito Federal apresentou crescimento em relação à safra passada. A produtividade média ponderada também foi positiva, resultando em incremento na produção total, quando comparada ao exercício anterior.

Goiás: as lavouras irrigadas se encontram em fase de pré-colheita, com boa parte ainda na etapa de enchimento de grãos. As primeiras áreas começaram a ser colhidas no início de agosto. A área sob sistema irrigado foi mantida, assim como a produtividade média estimada. A principal preocupação, até o momento, tem sido a incidência de brusone, observada de forma pontual,

mas que vem sendo controlada com sucesso por meio de aplicações fitossanitárias adequadas.

A colheita do trigo de sequeiro já foi finalizada. As produtividades médias ficaram abaixo daquelas registradas nas áreas irrigadas, reflexo de limitações impostas por adversidades climáticas durante o ciclo. A área estimada de sequeiro foi revisada com base em correção metodológica, passando para um valor inferior ao anteriormente divulgado. Essa revisão teve por objetivo ajustar a delimitação territorial de municípios limítrofes a Minas Gerais.

As lavouras implantadas em período ideal se beneficiaram das boas condições pluviométricas durante parte do ciclo. No entanto, os plantios realizados fora da janela recomendada enfrentaram maiores dificuldades. Entre os fatores que comprometeram o desempenho do trigo de sequeiro destacam-se o excesso de chuvas no início do ciclo, que favoreceu a ocorrência de doenças fúngicas; a irregularidade na distribuição das precipitações, com períodos de estiagem prolongada durante o enchimento de grãos; e as temperaturas noturnas elevadas em fases críticas, que prejudicaram processos fisiológicos essenciais ao bom desempenho da cultura.

Apesar dessas condições, as cultivares com maior tolerância ao estresse hídrico apresentaram desempenho superior, demonstrando maior adaptabilidade às condições adversas do Cerrado goiano. As geadas leves, registradas em áreas mais elevadas, e as baixas temperaturas noturnas observadas em alguns momentos do ciclo, não afetaram de forma significativa o desenvolvimento das lavouras.

Mato Grosso do Sul: agosto foi marcado por chuvas esparsas, que ainda se mostraram necessárias para os talhões em fase de enchimento de grãos. Já nas áreas mais adiantadas, as condições climáticas deixaram de representar

riscos significativos, uma vez que os volumes precipitados foram baixos e seguidos por dias ensolarados, favorecendo o avanço da maturação.

Embora tenha havido áreas afetadas pelas geadas, os resultados da colheita indicam que o impacto na produção foi menos severo do que o inicialmente estimado. Os grãos colhidos, em sua maioria, estão sendo classificados como trigo de padrão comercial, com peso hectolítico satisfatório, acima de 78.

Adicionalmente, a chuva registrada no início do mês beneficiou as lavouras implantadas mais tarde, sobretudo aquelas estabelecidas após a colheita das primeiras áreas de milho segunda safra, sustentando boas expectativas de produtividade.

No entanto, um dos principais desafios do período foi o controle da infestação por lagarta-rosca em lavouras próximas à maturação. A praga causou prejuízos localizados, cortando o pedúnculo das espiguetas e provocando sua queda, exigindo atenção dos produtores nas medidas de manejo.



Foto 10 - Trigo em maturação - Aral Moreira-MS

Fonte: Conab.

Bahia: há expectativa de redução na área cultivada com trigo na Bahia em comparação ao ciclo anterior, reflexo das cotações pouco atrativas no mercado. A cultura vem perdendo espaço para o avanço da mamona, que deixa de ocupar áreas experimentais e passa a ser adotada em cultivo comercial.

Em contrapartida, espera-se aumento na produtividade, impulsionado pela concentração da produção entre agricultores tecnicamente mais preparados e pelo predomínio de lavouras irrigadas. A baixa incidência de chuvas durante agosto não representou obstáculo ao desenvolvimento da cultura, além disso, a elevada luminosidade tem favorecido o crescimento das plantas, enquanto as temperaturas mais amenas contribuem para a redução da pressão de pragas e doenças.

As lavouras, majoritariamente em fase de enchimento de grãos, apresentam bom desempenho agronômico, resultado da combinação entre condições climáticas favoráveis e práticas de manejo eficientes, principalmente no controle fitossanitário.

QUADRO 10 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - TRIGO

Legenda – Condição hídrica							
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		

UF	Mesorregiões-	Produção* %	Trigo - Safra 2025								
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	1,66	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C			
GO	Leste Goiano**	1,03	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Noroeste de Minas**	0,94	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba**	3,04	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sul/Sudoeste de Minas	0,93	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Campo das Vertentes	0,84	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
SP	Bauru	1,10	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C			
	Itapetininga	4,32	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C			

Continua

Legenda – Condição hídrica							
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				

UF	Mesorregiões-	Produção* %	Trigo - Safra 2025									
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	
PR	Centro Ocidental Paranaense	4,98	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	C			
	Norte Central Paranaense	9,21	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	C			
	Norte Pioneiro Paranaense	5,97	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C				
	Centro Oriental Paranaense	6,36		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Oeste Paranaense	4,68	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	C			
	Sudoeste Paranaense	7,67		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Centro-Sul Paranaense	5,64		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C		
	Sudeste Paranaense	1,82		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C		
SC	Metropolitana de Curitiba	0,68		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C		
	Oeste Catarinense	2,55		PS	S/E/DV	E/DV	DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Catarinense	0,43		PS	S/E/DV	E/DV	DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
RS	Serrana	0,70		PS	S/E/DV	E/DV	DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	
	Noroeste Rio-grandense	23,58		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Nordeste Rio-grandense	1,92			S	E/DV	DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense	2,51		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense	0,63		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense	3,83		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C		
	Sudeste Rio-grandense	0,75		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

(**) Parte irrigado

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

Em agosto de 2025, com a semeadura finalizada em todo o país, o mercado se encontrava com as atenções voltadas ao clima e à expectativa de início da colheita no Paraná. Em relação às cotações, estas mantiveram-se equiparadas à paridade de importação e, portanto, desvalorizadas. No Paraná, a média mensal da cotação foi de R\$ 76,22 por saca de 60 quilos, apresentando desvalorização de 3,06%. Já no Rio Grande do Sul, a média foi de R\$ 69,42 por saca de 60 quilos, apresentando desvalorização de 0,62%.

No mercado internacional, apesar da ampla oferta global, com a estimativa de safra recorde mundial, bem como a melhora climática nas lavouras dos

Estados Unidos, a média mensal fechou com valorização de 0,99%. Dentre os fatores de alta, destacam-se a estimativa de menores estoques de passagem global e a alta de outras commodities. A média Fob Golfo foi cotada a US\$ 232,32 por tonelada, apresentando valorização de 0,99%.

A Conab revisou os números referentes à área, produção e produtividade. A estimativa é que sejam plantados 2.449 mil hectares (-19,9%), e colhidos 7.536,7 mil toneladas (-4,5%), com produtividade média de 3.077 kg/ha (+19,3%). Foram reajustados os volumes estimados de uso para sementes, alterando o volume de consumo para 11.812,7 mil toneladas. Foi revisado também, o volume estimado de importação, passando de 6,2 milhões de toneladas para 6,4 milhões de toneladas, bem como o de exportações, passando de 2,1 de toneladas para 2 milhões de toneladas. Com este cenário, a previsão é encerrar a safra com estoques finais de 1.499,8 mil toneladas.

TABELA 18 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2019	2.609,9	5.154,7	6.676,7	14.441,3	11.860,6	342,3	2.238,4
2020	2.238,4	6.234,6	6.007,8	14.480,8	11.599,0	823,1	2.058,7
2021	2.058,7	7.679,4	6.080,1	15.818,2	11.849,8	3.045,9	922,5
2022	922,5	10.554,4	4.514,2	15.991,1	11.894,1	2.656,6	1.440,4
2023	1.440,4	8.096,8	5.702,6	15.239,8	11.943,6	2.790,9	505,3
2024*	505,3	7.889,3	6.832,5	15.227,1	11.890,6	1.960,1	1.376,4
2025** ago/25	1.376,4 ago/25	7.811,2 7.536,1	6.200,0 6.400,0	15.387,6 15.312,5	11.825,2 11.812,7	2.100,0 2.000,0	1.462,4 1.499,8

Fonte: Conab.

Nota: *Estimativa em agosto/2025.

**Previsão

Estoque de passagem: trigo 31 de julho.

Para mais informações sobre o progresso da safra de trigo, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM

Ceará: o cultivo acontece em pequenas áreas, especialmente em regiões serranas do estado. A cultura teve desenvolvimento adequado e a conclusão do ciclo em julho, com a finalização da colheita.

QUADRO 11 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica								
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	

UF	Mesorregiões	Produção* %	Amendoim primeira safra - Safra 2024/2025						
			OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	4,58	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Araçatuba	4,42	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Araraquara	6,44	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Assis	4,61	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Bauru	13,56	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Marília	22,77	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Presidente Prudente	14,14	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Ribeirão Preto	13,86	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	São José do Rio Preto	11,38	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2023)/Conab.

GERGELIM

Mato Grosso: colheita já concluída, confirmando uma melhor produção em comparação à temporada passada. Mesmo com a redução de área no atual ciclo, as condições gerais, especialmente a climática, favoreceram a cultura e permitiu incremento na produtividade média em relação ao ano passado.

Pará: clima bastante favorável durante o desenvolvimento das lavouras, com chuvas suficientes nas fases que mais se necessitam de água no solo.

Neste ano, a maioria das lavouras tiveram bom desenvolvimento, proporcionado pelas chuvas do início da estação seca.

Nas duas últimas safras 2022/23 e 2023/24, as janelas de chuvas encerraram com as lavouras ainda em enchimento de grãos, diminuindo o rendimento e aumentando as perdas.

Tocantins: a colheita está finalizada no estado.

GIRASSOL

Goiás: a colheita de girassol foi concluída em julho, com a produtividade média do estado alcançando um ótimo resultado de 1.579 kg, um aumento significativo em relação aos 1.140 kg/ha da safra anterior. A área plantada em todo o estado manteve-se em 47 mil hectares.

Apesar de poucas variações nos resultados, as regiões sul e sudoeste foram as mais beneficiadas pelas chuvas, impactando positivamente a maior parte do ciclo da cultura. Além disso, a semeadura dentro da janela ideal contribuiu para o aumento da produtividade.

Em geral, a qualidade dos grãos no estado foi boa. Entretanto, houve casos isolados de grãos mais leves e de menor qualidade, atribuídos ao baixo investimento em fertilidade do solo em algumas lavouras do sudoeste.

Minas Gerais: as lavouras de girassol já se encontram totalmente colhidas no estado.

Nesta safra, registrou-se grande redução na área cultivada com girassol. A justificativa é de migração das áreas de cultivo para Goiás nesta safra. Contudo, o clima foi mais favorável às lavouras nesta safra.

E apesar da redução de 49,7% da área cultivada, a produção deverá ser apenas 17,7% menor que a obtida na safra passada. Dessa forma, estima-se uma produção de 9,9 mil toneladas de girassol no estado.

Distrito Federal: colheita finalizada em 550 hectares, redução de 21,4% em relação à área da safra passada (700 hectares).

Mato Grosso do Sul: o clima para o cultivo da oleaginosa ocorreu de forma distinta entre as regiões produtoras, onde as chuvas ocorridas em julho comprometeram a cultura na fase de enchimento de grãos na região norte. Por outro lado, as condições climatológicas e chuvas regulares favoreceram o bom desenvolvimento e potencial produtivo das lavouras localizadas na região sul.

Na região norte, devido ao baixo investimento empregado na cultura, a ocorrência de chuvas irregulares em fase de enchimento de grãos elevou as perdas por lixiviação e, consequentemente, comprometeu boa parte do potencial produtivo. No entanto, os possíveis danos ainda não podem ser quantificados, tendo em vista que a colheita será finalizada até o início de setembro.



Foto 11 - Girassol em maturação - Paraíso das Águas-MS

Fonte: Conab.

MAMONA

Bahia: houve redução da área cultivada em relação à safra passada devido à falta de chuvas em fevereiro e março, algo que restringiu a finalização do plantio, apesar das áreas estarem preparadas (arada e gradeada).

No entanto, ressalta-se que houve substituição de áreas que seriam destinadas ao feijão e milho por lavoura de mamona, devido às melhores cotações.

Nos últimos trinta dias não houve registro de chuvas. A baixa umidade favorece as operações de colheita. A alta luminosidade beneficia as lavouras irrigadas que são encontradas em todas as fases fenológicas, desde a emergência até a colheita. A estiagem prejudica as lavouras de mamona de sequeiro, depauperando as lavouras de primeiro ciclo que produzirão na próxima safra.

As lavouras de sequeiro estão em fase de maturação e colheita, apresentando estresse hídrico devido à falta de chuva. As lavouras de segundo ciclo chegam ao fim do ciclo produtivo, e as lavouras de primeiro seguem resistindo ao quadro de baixa umidade.

As áreas irrigadas apresentam bom desenvolvimento, havendo lavoura em fase de emergência, de desenvolvimento vegetativo, de floração, de enchimento de grãos, de maturação e colheita.

Por sua vez, as plantas de mamoneira cultivada no centro-norte da Bahia, seja em regime de sequeiro ou irrigado, apresentam ciclo de 2 anos, com o plantio concentrado entre novembro e janeiro, mas devido ao manejo irrigado, observa-se plantio durante todo o ano. Da mesma forma, a colheita ocorre durante todo o ano, sendo os maiores volumes colhidos entre maio e agosto. Assim, a safra é dada como finalizada, mas a colheita continua ocorrendo, e com a chegada das chuvas no final de setembro, as lavouras devem recuperar o vigor e o plantio de sequeiro será iniciado.

A falta de umidade no solo prejudicou o desenvolvimento das lavouras de sequeiro, sendo mais grave nas lavouras plantadas a partir de janeiro de 2025. As lavouras de segundo ciclo e as lavouras plantadas em novembro de 2024 apresentaram menos perdas. As altas temperaturas registradas prejudicaram todas as lavouras (sequeiro, irrigada, primeiro ciclo e segundo ciclo), limitando a polinização das flores e formação das bagas.

SORGO

Goiás: a colheita de sorgo no estado está praticamente finalizada, com 99% da área já colhida. Faltam apenas algumas pequenas áreas no leste do estado, e a área total plantada se manteve em 394,7 mil hectares. As condições climáticas foram favoráveis à cultura durante grande parte do



Foto 12 - Mamona - Iraquara - BA

Fonte: Conab.



Foto 13 - Mamona - Morro do Chapéu - BA

Fonte: Conab.

ciclo, proporcionando condições ideais para o desenvolvimento da cultura.

Mato Grosso do Sul: na região centro-sul, a colheita do sorgo evoluiu, mas não foi possível a consolidação dos resultados, pois os danos das geadas ainda estão sendo contabilizados conforme a operação agrícola avança, visto que em alguns municípios verificam-se maiores impactos, e em outros, produtividades superiores àquelas estimadas até o momento. Além disso, notou-se uma pausa nas atividades do sorgo em alguns desses municípios devido às usinas de etanol oriundas de cereais priorizarem o recebimento do milho. Na região norte, os resultados obtidos nesta safra foram excelentes,

tendo em vista que o monitoramento e manejo das lavouras foram realizados conforme o planejado, e as condições climáticas foram favoráveis ao longo do ciclo da cultura.

Paraná: na região de produção desta gramínea, norte paranaense, a disponibilidade de água no solo foi menor em relação ao restante do estado, e a ocorrência de geadas afetou o potencial produtivo da cultura. A cultura, a cada ciclo reduz sua área devido a adversidades climáticas, fitopatológicas e comerciais.

São Paulo: o sorgo vem apresentando crescimento em todo o estado, e particularmente nas regiões de Araçatuba, Andradina, Votuporanga e Dracena, noroeste do estado, reflexo dos preços mais atrativos, se comparados ao trigo, da resistência às intempéries climáticas e da forte demanda das indústrias de ração. A colheita já ocorre em todo o estado, e as produtividades variam em virtude da época de plantio e da ocorrência de geadas.

Minas Gerais: a colheita do sorgo vem sendo priorizada no momento em detrimento à do milho, uma vez que a umidade do grão está muito baixa e a maturação está bem avançada. Logo, os produtores correm o risco de parte dos grãos começarem a cair e aumentarem as perdas. No ciclo passado já tínhamos atingido 93% da área colhida, enquanto nesta safra atingimos 89% no mesmo período. Este atraso justifica-se em razão do veranico que postergou a semeadura. Conforme pontuamos, as melhores condições de umidade do solo permitiram um excelente desenvolvimento para as lavouras, contribuindo para formação e enchimento dos grãos. Soma-se a isso, as temperaturas mais amenas, que foram de fundamental importância para diminuir a pressão das pragas, principalmente o pulgão. Deste modo, encerramos o último levantamento desta safra, com uma

média de 4.170 kg/ha, para o estado.

Distrito Federal: a área cultivada com o cereal nesta safra foi de 18,5 mil hectares, dos quais, já foram colhidos aproximadamente 50%. Conforme os resultados obtidos nas primeiras colheitas, as produtividades foram reajustadas para 5.640 kg/ha devido às boas condições climáticas no final do ciclo da cultura. As lavouras apresentaram bom desempenho, refletindo o uso eficiente de tecnologia e as boas condições climáticas. Destaca-se ainda a relevância da produção local de sementes do cereal, o que confere destaque relevante no cenário nacional ao Distrito Federal.

Bahia: a colheita está finalizada e com produtividades acima das estimativas iniciais.

Maranhão: a segunda safra de sorgo é cultivada na região sul do estado. O plantio foi realizado após a colheita da soja, entre fevereiro e abril de 2025, após o plantio do milho safrinha. A área estimada de plantio foi de 50,6 mil hectares, com grande aumento em relação à safra anterior, devido, principalmente, à implantação de usinas de etanol na região. A produtividade estimada é de 2.465 kg/ha, com aumento de 9,4% em razão do atual investimento na cultura e às boas condições climáticas ocorridas.

Piauí: confirma-se aumento de área em relação à estimativa inicial, ficando 13,6% superior à da safra anterior. As lavouras se estabeleceram em boas condições, em sua maioria, favorecidas pelas chuvas ocorridas durante março, abril e início de maio. A colheita foi finalizada, registrando produtividade superior de 69% à da safra anterior.

Tocantins: a colheita foi finalizada no estado, e os rendimentos superaram os estimados inicialmente. As condições climáticas favoreceram o

desenvolvimento da cultura, mesmo as semeadas tardiamente.

Pará: assim como todas as lavouras do estado, o sorgo desfrutou de ótimas condições de clima, proporcionando aumento de produtividade.

QUADRO 12 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- SORGO

Legenda – Condição hídrica											
UF	Mesorregiões	Produção* %	Sorgo - Safra 2024/2025								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
	Sudeste Paraense	1,83		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Ocidental do Tocantins	2,01		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauense	2,48		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano	2,91	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	4,02		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
MS	Leste de Mato Grosso do Sul	3,43		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	2,83		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense	2,16		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
	Centro Goiano	1,12		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano	6,85		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
	Sul Goiano	22,83		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas	5,22		PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	23,93		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Araçatuba	2,20		PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
SP	Bauru	1,28		PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Assis	1,99		PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Itapetininga	1,52		PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
PR	Norte Central Paranaense	2,30		PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2022)/Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de verão, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE INVERNO

AVEIA-BRANCA

Rio Grande do Sul: a semeadura da cultura ocorreu entre abril e julho, visto que essa larga janela de plantio faz com que haja bastante heterogeneidade dos estádios fenológicos atuais das lavouras. No campo, 20% da área já está no enchimento de grãos, 35% está em florescimento e o restante está com 45% em desenvolvimento vegetativo.

O atraso no desenvolvimento, causado pelas condições meteorológicas do período, deve ter impacto muito baixo ou nulo na produtividade da cultura. Em contrapartida, os eventos de geada que vem sendo observados desde julho, atingiram as estruturas reprodutivas das plantas em lavouras de diversas regiões e existe uma perda de produtividade consolidada em relação ao potencial da cultura no campo. Os danos ainda estão sendo mensurados, mas em razão da intensidade dos eventos não ter sido tão alta em âmbito de lavoura, a perda esperada não é muito significativa e somente é possível ter ocorrido na parcela das lavouras que já estava em sua fase reprodutiva quando da ocorrência do evento.

Após a consolidação dos dados da área efetivamente cultivada com aveia-branca, para produção de grãos no Rio Grande do Sul, mantemos a estimativa de 384,6 mil hectares. A área representa um avanço de 7,8% em relação à safra passada, consolidando o recorde da série histórica da companhia. O avanço da área da cultura se deu, praticamente, em sua integridade em áreas que deixaram de ser cultivadas com trigo pelos produtores gaúchos.

A colheita da cultura deve começar em setembro. Em setembro também deverá seguir a realização dos diferentes tratos culturais nas lavouras do estado. O maior foco dos produtores deverá ser nas aplicações preventivas de fungicidas contra a ferrugem, manchas foliares e doenças que atacam a estrutura reprodutiva das plantas.

Paraná: Durante o presente mês, as precipitações que ocorreram na maior parte do estado foram fracas e irregulares, enquanto que aconteceram períodos com baixas temperaturas.

Nos períodos diurnos ocorreu orvalho, o que ajudou no suprimento de umidade para o desenvolvimento das culturas de inverno. Apesar de terem sido registradas geadas neste inverno neste espaço geográfico, isso afetou negativamente somente uma pequena quantidade das lavouras cultivadas com culturas de inverno deste ciclo, uma vez que essas estão ou estavam, em sua maioria, quando da ocorrência deste fenômeno climático, nos estágios de desenvolvimento vegetativo, quando as plantas são mais resistentes às baixas temperaturas.

Cultura plantada com 0,6% em estádio de desenvolvimento vegetativo, floração 24,5%, frutificação 46,4%, maturação 16,4% e colheita 12,1%.

Apesar das condições climáticas com ocorrência de geada forte no final de junho e período mais seco em julho, a expectativa de produtividade ainda é esperada dentro da normalidade, tendo em vista, principalmente, que a ocorrência de danos devido às geadas ocorreram quando a cultura estava com 25% da área em fase crítica de floração. As lavouras têm alguma alteração em suas condições, estimadas como boas em 84% da área plantada, 15% regulares e cerca de 1% como ruim.

Mato Grosso do Sul: o predomínio de tempo seco, com baixa nebulosidade, contribuiu para o início da colheita no estado. Além disso, os dias curtos e as baixas temperaturas durante o período noturno proporcionaram condições adequadas às lavouras semeadas mais tarde.

A cultura do cereal se encontra atualmente com aproximadamente 20% da área já colhida, devendo ser finalizada no final de setembro.

O desenvolvimento das lavouras pode ser considerado razoável em virtude do clima predominantemente seco e das temperaturas médias mais baixas, que contribuíram para a sanidade e o bom enchimento de grãos.

No entanto, a umidade do solo e posteriormente a formação de orvalho noturno junto com a falta de investimento em fungicidas proporcionaram alta incidência da ferrugem da folha (*Puccinia coronata* f. sp. *Avenae*), comprometendo o rendimento das lavouras colhidas e, naquelas ainda em enchimento de grãos, verifica-se elevado índice desta doença em praticamente todos os talhões vistoriados.



Foto 14 - Aveia em maturação - Ponta Porã-MS

Fonte: Conab.

QUADRO 13 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- AVEIA

Legenda – Condição hídrica										
UF	Mesorregiões	Produção* %	Aveia - Safra 2024							
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV
			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	3,66	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Ocidental Paranaense	9,23		S/E/DV	DV/F	DV/F	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Central Paranaense	3,54	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F	F/EG/M	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense	1,14	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F	F/EG/M	M/C	C	
PR	Centro Oriental Paranaense	5,05	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	
	Sudoeste Paranaense	2,43	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	3,64	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	
	Sudeste Paranaense	2,06			S	E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	
RS	Noroeste Rio-grandense	46,46		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Nordeste Rio-grandense	6,30			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C
	Centro Ocidental Rio-grandense	8,57		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Centro Oriental Rio-grandense	1,84		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
SC	Sudoeste Rio-grandense	3,27		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Sudeste Rio-grandense	1,53		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2022)/Conab.

CANOLA

Rio Grande do Sul: agosto trouxe chuvas mais volumosas, porém espaçadas nas regiões de maior produção de canola, de forma que a umidade do solo se manteve adequada para o atendimento da demanda hídrica da cultura e houve boa insolação para manutenção dos processos metabólicos.

A semeadura da cultura está 100% concluída. A evolução se deu em 21% da área prevista ainda em abril. Em maio ocorreu a maior evolução da operação: 54% da área total prevista. Em junho, em razão do alto volume de chuvas, a semeadura não evoluiu como esperado (somente 23% semeado) e a operação foi finalizada nos últimos 2% da área somente em julho.

Atualmente, no Rio Grande do Sul, a canola já iniciou a colheita das primeiras áreas semeadas no início de abril nas Missões e Alto Uruguai, principalmente para preceder uma safra de milho (1% das áreas já foram colhidas). O estágio de desenvolvimento predominante é a floração, com 79%. A cultura ainda apresenta 5% das áreas em estágio vegetativo, 11% em enchimento de grãos e 4% em maturação.

Ainda que desuniforme, sob o aspecto agronômico, a cultura apresenta bom desenvolvimento, com adequada formação de estande de floração e das siliquas. A tendência é de uma boa produtividade, contudo ainda é necessário avaliar uma série de fatores que serão determinantes na definição dos resultados produtivos, como o abortamento de flores e siliquas, ocorrência de geadas, ou a ocorrência de chuvas e ventos fortes no período de colheita.

Paraná: durante o presente mês, as precipitações que ocorreram na maior parte do estado foram fracas e irregulares, enquanto que aconteceram períodos com baixas temperaturas. Enquanto que nos períodos diurnos ocorreu orvalho, o que ajudou no suprimento de umidade para o desenvolvimento das culturas de inverno.

Apesar de terem sido registradas geadas neste inverno no espaço geográfico, isso afetou negativamente somente uma pequena quantidade das lavouras cultivadas com culturas de inverno deste ciclo, uma vez que essas estão ou estavam, em sua maioria, quando da ocorrência deste fenômeno climático, nos estágios de desenvolvimento vegetativo, quando as plantas são mais resistentes às baixas temperaturas.

Cultura totalmente plantada, com estádio em fases predominantes de floração em 18,6%, floração 66,3% e maturação 15,2%. As condições das lavouras são consideradas boas em 86% da área plantada e regulares em cerca de 14%, afetadas pelo clima mais seco e geada.

Considerando um aumento de 44% na produção, este resultado se deve ao aumento da área, com 5,6% em relação à safra 2023/24, e a previsão de uma produtividade normal até o momento.

CENTEIO

Paraná: durante o presente mês, as precipitações que ocorreram na maior parte do estado foram fracas e irregulares, que aconteceram em períodos com baixas temperaturas. Enquanto que nos períodos diurnos ocorreu orvalho, o que ajudou no suprimento de umidade para o desenvolvimento das culturas de inverno.

Apesar de terem sido registradas geadas neste inverno no espaço geográfico, isso afetou negativamente somente uma pequena quantidade das lavouras cultivadas com culturas de inverno deste ciclo, uma vez que essas estão ou estavam, em sua maioria, quando da ocorrência deste fenômeno climático, nos estágios de desenvolvimento vegetativo, quando as plantas são mais resistentes às baixas temperaturas.

Cultura com 100% da área plantada, com estádio em fase predominante com 20% em desenvolvimento vegetativo, o que reduz a ocorrência de danos devido às geadas, visto que a fase sensível a estas condições climáticas, a floração em 66% da área e frutificação 14%. As condições das lavouras são consideradas boas em 96% e regulares em 4% da área plantada.

Considerado uma redução de 26,9% em relação à última safra, os produtores não se sentem estimulados ao plantio pelo risco das intempéries e do fator comercial, com menores preços em relação aos últimos anos.

CEVADA

Rio Grande do Sul: após a conclusão da semeadura da cultura em julho, agosto foi mais um mês de intensa atividade nas lavouras de cevada no estado. As condições meteorológicas foram favoráveis para a entrada das máquinas nos momentos planejados nos calendários de manejo (controle de plantas competidoras e adubações nitrogenadas), e os produtores aproveitaram para realizar as aplicações, obtendo bons índices de eficiência.

As condições meteorológicas também foram majoritariamente favoráveis para o bom desenvolvimento das plantas. Embora tenha ocorrido alguns períodos de alta umidade e nebulosidade, a maior parte dos dias foi de tempo seco e boa radiação solar, permitindo bom desenvolvimento das plantas. As temperaturas baixas, embora ligeiramente prejudiciais para o desenvolvimento, favoreceram o perfilhamento das plantas, bem como a sua sanidade.

As geadas que ocorreram ao longo de agosto foram prejudiciais para as lavouras semeadas no início da janela de semeadura, mas estas representam pequena parcela da área cultivada e não impactam na estimativa de produtividade média da cultura no estado.

Após a conclusão da semeadura foram levantadas as informações de consolidação da área efetivamente semeada da cultura e constatou-se redução de 4%. A retração se deve, principalmente, ao alto volume de chuvas ocorrido em junho, condição que fez com que alguns produtores não conseguissem realizar a semeadura no período e acabassem desistindo da cultura, haja vista o alto custo de produção para obtenção de grãos que atinjam os padrões de qualidade da indústria.

Paraná: neste mês, as precipitações que ocorreram na maior parte do estado foram fracas e irregulares, enquanto que aconteceram períodos com baixas temperaturas, e nos períodos diurnos ocorreu orvalho, o que ajudou no suprimento de umidade para o desenvolvimento das culturas de inverno.

Apesar de terem sido registradas geadas neste inverno no espaço geográfico, isso afetou negativamente somente uma pequena quantidade das lavouras cultivadas com culturas de inverno deste ciclo, uma vez que essas estão ou estavam, em sua maioria, quando da ocorrência deste fenômeno climático, nos estágios de desenvolvimento vegetativo, quando as plantas são mais resistentes às baixas temperaturas.

Cultura com 100% da área plantada, com estádio em fase predominante de desenvolvimento vegetativo em 40%, o que reduz a ocorrência de danos devido às geadas, uma vez que a fase sensível a estas condições climáticas, a floração, está estimada em 38%, frutificação em 20%, e o restante está em maturação, com 2% da área da cultura.

Destaque para o aumento de área, com 27% em relação à safra passada, principalmente numa região que havia perdido bastante áreas de produção, região de Guarapuava, que historicamente era a maior produtora, e agora tem a região de Ponta Grossa ocupando este posto. A produtividade também tem destaque, com aumento estimado de 12,6% em relação à safra passada, até o presente momento, considerados próximos às condições normais de produção, já que as geadas que abrangeram o Paraná atingiram a cultura em desenvolvimento vegetativo. As condições das lavouras são consideradas boas em 92% e regulares em 8% da área plantada em virtude da ação das intempéries, especificamente, as geadas.

No Paraná existe uma previsão de cultivo de 98,9 mil hectares, o que é 27,10% superior aos 77,8 mil hectares de cevada cultivados no ciclo 2023/24. Esse

aumento é devido à recuperação de áreas nas várias regiões de produção, mas principalmente na região de Guarapuava e Ponta Grossa. Visto que na região dos Campos Gerais paranaenses, devido à implantação de uma nova maltaria, a demanda pelo cereal induz ao aumento do cultivo dessa cultura.

Nesta presente pesquisa não foram verificadas vendas antecipadas de parte da cevada que será produzida na safra 2024/25, visto que essa cultura é fomentada pelas indústrias de Malte. Cerca de 16% da produção total estimada já foi antecipada à comercialização, especificamente na região de Guarapuava.

TRITICALE

Rio Grande do Sul: a semeadura da cultura foi encerrada ainda em julho. A evolução da operação se deu em 5% da área em maio, 40% em junho e 55% em julho.

Apesar de mais atrasadas, são as lavouras semeadas em julho que apresentam as melhores condições. As condições meteorológicas, com volumes pluviométricos menores e chuvas menos intensas e temperaturas baixas, favoreceram o perfilhamento e a manutenção da sanidade das plantas.

Nas lavouras semeadas em maio e junho, as chuvas torrenciais e volumosas, aliadas à nebulosidade alta, causaram a perda de fertilizantes por erosão e percolação, bem como desenvolvimento inicial lento. Embora o início do ciclo não tenha sido adequado, a melhora das condições meteorológicas permitiu melhora visual das lavouras, e as expectativas de produtividade inicial ainda podem ser mantidas.

As lavouras semeadas em maio (5%) alcançam a fase reprodutiva durante agosto e, ao final de agosto, estavam no início do enchimento de grãos. Das áreas semeadas em junho, as que foram semeadas mais cedo dentro do mês também já estão na fase reprodutiva, mas no florescimento (totalizam 30% do total cultivado). O restante (65%) está no desenvolvimento vegetativo (perfilhamento, alongamento dos entrenós e embrorrachamento).

Paraná: durante o presente mês, as precipitações que ocorreram na maior parte do estado foram fracas e irregulares, enquanto que aconteceram períodos com baixas temperaturas. Enquanto que nos períodos diurnos ocorreu orvalho, o que ajudou no suprimento de umidade para o desenvolvimento das culturas de inverno.

Apesar de terem sido registradas geadas neste inverno no espaço geográfico, isso afetou negativamente somente uma pequena quantidade das lavouras cultivadas com culturas de inverno deste ciclo, uma vez que essas estão ou estavam, em sua maioria, quando da ocorrência deste fenômeno climático, nos estágios de desenvolvimento vegetativo, quando as plantas são mais resistentes às baixas temperaturas.

Cultura com 100% da área plantada, com estádio em fase predominante de desenvolvimento vegetativo em 49%, o que reduz a ocorrência de danos devido às geadas, uma vez que as fases mais sensíveis a estas condições climáticas, a floração, está em cerca de 30% e frutificação 20%.

Considerando uma redução da área de 37,8% em relação ao último ciclo, a cultura acompanhou o decréscimo das culturas de inverno, como o trigo, e ainda sendo maior em virtude da sua baixa expressão comercial. As condições das lavouras são consideradas boas em 97% da área plantada e regulares em cerca de 3%.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de inverno, [clique aqui](#).



APÊNDICE

REVISÃO DA PRODUTIVIDADE DE SOJA

A Conab tem investido, ao longo dos últimos anos, na consolidação de uma metodologia robusta para a estimativa de produtividade da soja, baseada em sensoriamento remoto. O objetivo é aprimorar a qualidade e a coerência espacial das estimativas, incorporando de forma sistemática sinais observados por satélite que refletem o vigor vegetativo da cultura, ao mesmo tempo em que se preserva o conhecimento de campo e a experiência acumulada pelos informantes e técnicos da Companhia.

Nesta revisão, apresentamos a abordagem metodológica empregada, fundamentada no uso do Índice de Vegetação por Diferença Normalizada (NDVI) derivado do sensor MODIS, e o procedimento de ajuste que combina o potencial explicativo do modelo, o ganho tecnológico ao longo dos anos e as estimativas atuais da Conab.

A premissa desta metodologia é que a produtividade agrícola resulta da interação entre genética, manejo e condições edafoclimáticas, dimensões que, em grande medida, manifestam-se no comportamento da vegetação observado ao longo do ciclo. Para capturar esse comportamento, utilizamos

o NDVI, obtido a partir de imagens MODIS de resolução espacial moderada e composição temporal regular.

ANÁLISE ESTADUAL

A Conab possui uma metodologia para coleta de dados de campos. Esse método consiste no deslocamento de equipes de técnicos para realizar coletas in loco com foco nos seguintes aspectos: espaçamento entre linhas, número de plantas por área, altura de plantas, número de vagens por planta, número de grãos por planta, peso de grãos, umidade de grãos, estádio da cultura, entre outras variáveis. Como parte do processo, em cada lavoura avaliada foi aplicada uma entrevista orientada com o produtor ou responsável pela área, visando registrar informações relevantes sobre a unidade produtiva e o nível tecnológico empregado.

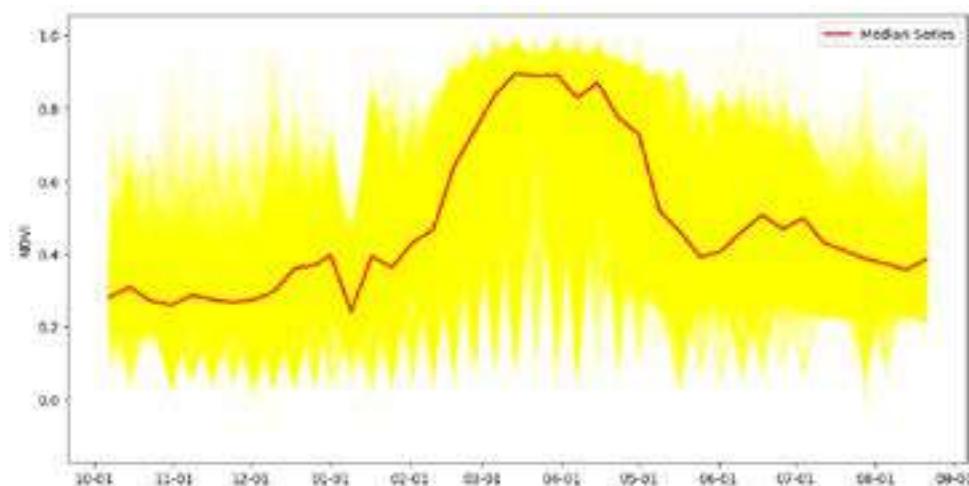
No local de avaliação, as vagens foram colhidas para posterior processamento em laboratório. Esse processamento incluiu as seguintes etapas: secagem, debulha, pesagem e determinação da umidade dos grãos. As coletas de campo foram realizadas preferencialmente durante o estágio de maturação fisiológica das plantas (R7-R8), momento ideal para garantir maior precisão nos dados obtidos.

Após a coleta e avaliação dos componentes de rendimento, foi calculada a produtividade final de cada ponto amostral (talhão agrícola). Cada ponto foi composto por quatro subamostras, e os cálculos consideraram possíveis perdas ocasionadas por amassamento ou colheita. Dessa forma, foi possível obter estimativas consistentes de produtividade de campo por talhão agrícola.

CORRELAÇÃO ENTRE NDVI E PRODUTIVIDADE DE SOJA

Uma série temporal de imagens MODIS de reflectância de superfície, utilizando composição de 8 dias e resolução espacial de 250 metros (produto MYD09Q1), foi obtida para o período de cultivo da soja. O objetivo foi capturar a safra por completo em todas as regiões da área de estudo. Essa resolução temporal oferece um monitoramento quase semanal, essencial para análises precisas da evolução da semeadura e colheita da cultura. Todas as imagens foram processadas para o cálculo do NDVI (Gráfico 3), uma métrica amplamente reconhecida por sua eficácia em estudos agrícolas.

GRÁFICO 3 - SÉRIES TEMPORAIS DE NDVI PROVENIENTES DO SENSOR MODIS PARA ÁREAS DE SOJA

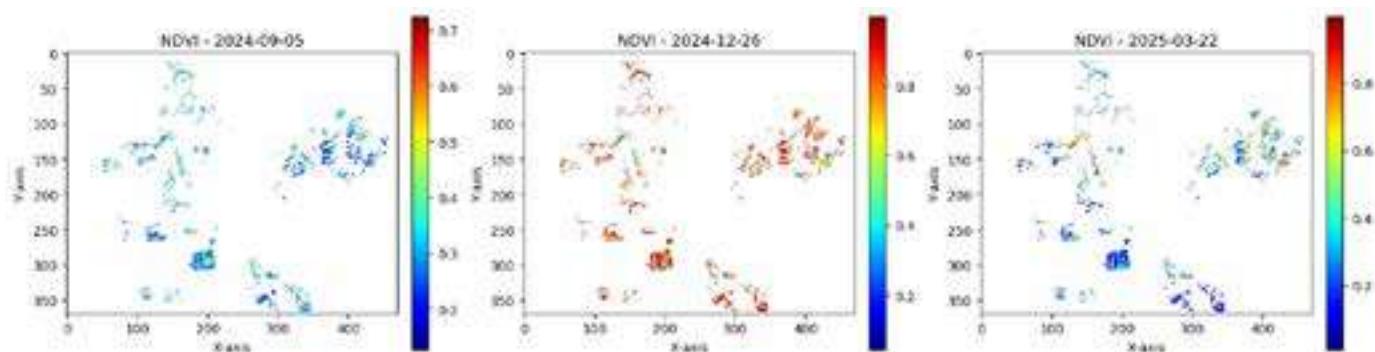


Fonte: Conab,

O NDVI foi selecionado como métrica base devido a sua comprovada eficiência em monitorar culturas agrícolas em larga escala, além de ser o índice mais amplamente utilizado para análises da fenologia das culturas. Sua utilidade se fundamenta na correlação com a produção de biomassa, sendo altamente sensível à presença de clorofila e outros pigmentos vegetais que influenciam a absorção de radiação fotossinteticamente ativa.

Após o cálculo do NDVI, foi realizado o recorte da área de estudo (Figura 4), garantindo que apenas informações diretamente relevantes fossem analisadas, otimizando os recursos computacionais e aumentando a precisão dos resultados. Na sequência, as imagens processadas foram empilhadas em uma estrutura temporal, em que cada banda representava uma data específica, permitindo assim a construção de uma série temporal robusta, capaz de refletir as variações na cobertura vegetal ao longo do ciclo agrícola.

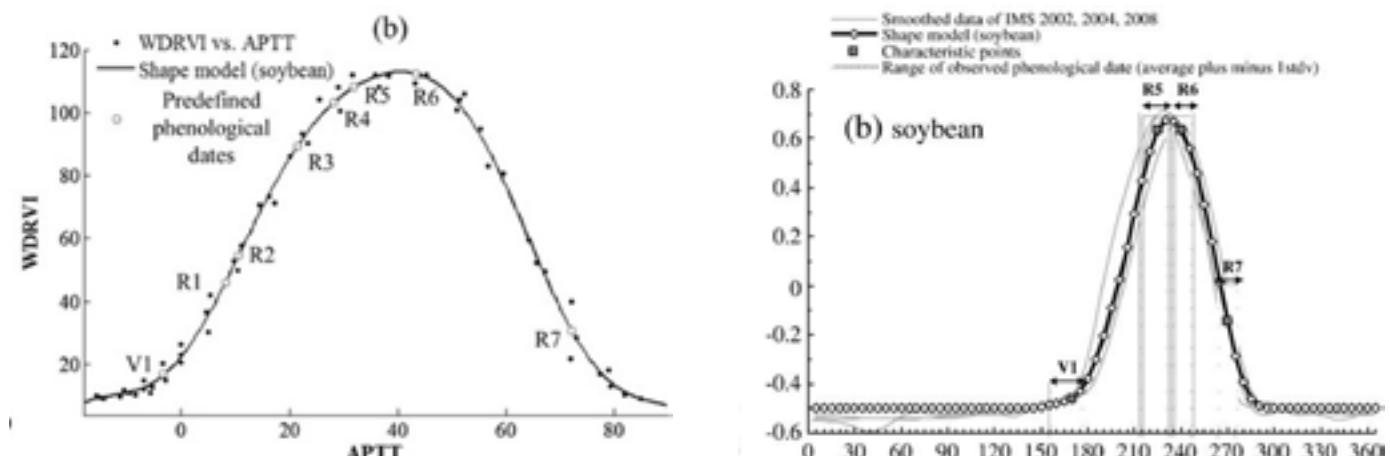
FIGURA 4 - IMAGENS DE NDVI MASCARADAS PARA AS ÁREAS DE SOJA



Fonte: Conab.

Para identificar o pico vegetativo da soja, empregamos o Agri-Phenopy (disponível em <https://proceedings.science/sbsr-2025/trabalhos/agri-phenopy-an-algorithm-for-extracting-agricultural-crops-phenology-metrics-fr?lang=pt-br>), um algoritmo especializado na extração de métricas fenológicas agrícolas. Esse algoritmo corrige oscilações bruscas na série temporal, refinando a detecção do pico vegetativo da soja. O pico vegetativo na soja está associado aos estádios R5-R6 (enchimento de grãos), um momento crucial, pois a planta está no auge de seu potencial produtivo, e problemas climáticos neste estágio têm baixa probabilidade de impactar significativamente o desenvolvimento da cultura.

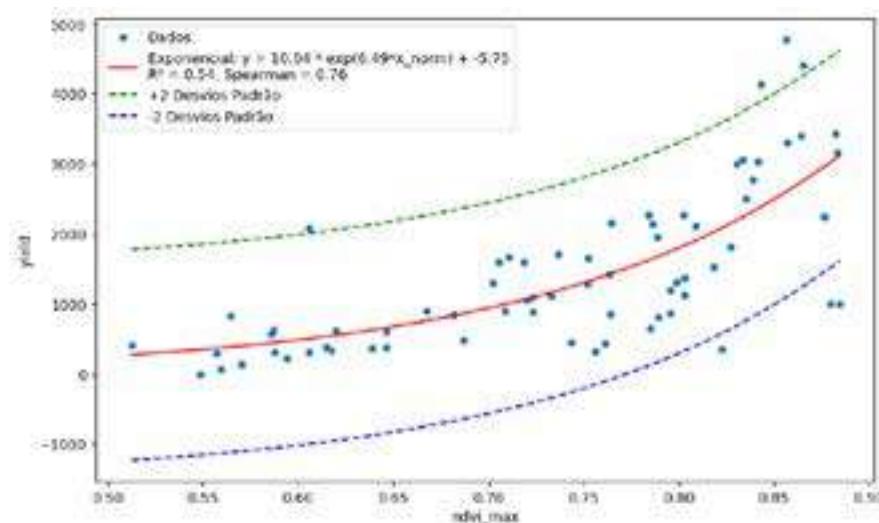
GRÁFICO 4 - ESTUDOS CORRELACIONAM O PICO VEGETATIVO DA SOJA COM OS ESTÁDIOS R5-R6



Fonte: Zeng et al. (2016) e Sakamoto et al. (2010).

Posteriormente, realizamos a correlação entre os dados de produtividade da soja nos talhões agrícolas avaliados com os valores de NDVI obtidos no pico vegetativo. A análise utilizou uma abordagem exponencial, resultando em um coeficiente de determinação ($R^2 = 0,54$), indicando que 54% da variação na produtividade das lavouras pode ser explicada pelos valores de NDVI no pico vegetativo (Gráfico 5). Adicionalmente, o coeficiente de Spearman ($\rho = 0,76$) reforçou a robustez dos resultados, mostrando uma correlação mais forte quando também consideramos relações monotônicas, independente de linearidade.

GRÁFICO 5 - REGRESSÃO EXPOENCIAL ENTRE A PRODUTIVIDADE E O VALOR NDVI MÁXIMO



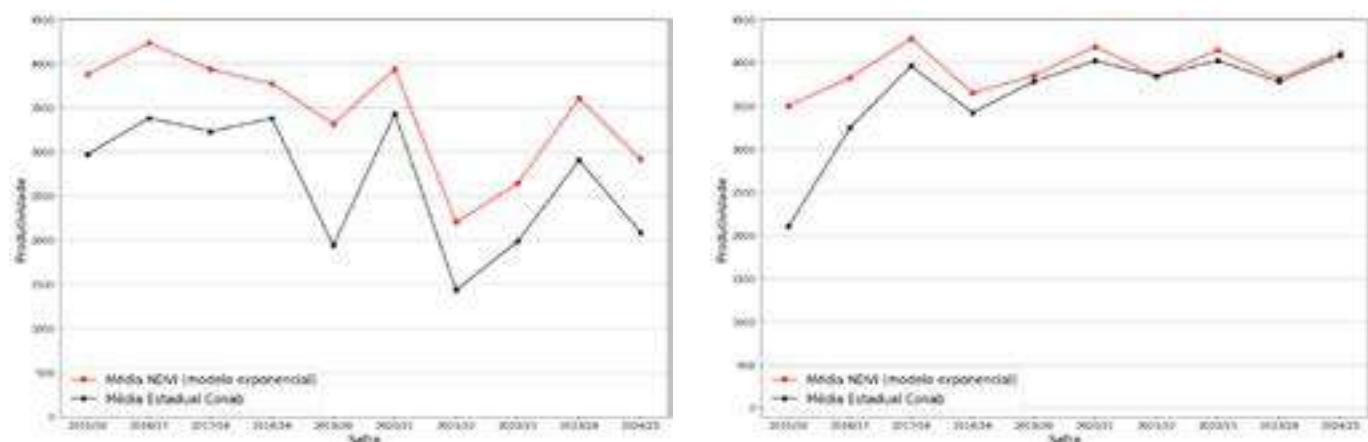
Fonte: Conab.

O uso do coeficiente de Spearman é de grande importância, especialmente em estudos agrícolas, porque ele é mais adequado para capturar relações não lineares entre variáveis. Enquanto o R^2 baseia-se na suposição de uma relação linear, o ρ de Spearman mede a força e a direção de uma relação monotônica, ou seja, avalia se uma variável tende a aumentar ou diminuir consistentemente em relação à outra, independentemente da forma da curva, linear ou não. Isso é particularmente relevante no contexto do NDVI e da produtividade agrícola, já que o relacionamento entre o índice de vegetação e o rendimento pode ser influenciado por diversos fatores não lineares, como variações climáticas, processos fisiológicos das plantas e práticas de manejo. Essa abordagem aumenta a confiabilidade nos resultados e contribui para análises mais precisas na agricultura de larga escala.

PROCESSAMENTO DO MAPEAMENTO DE SOJA

Para avaliar o poder de generalização do modelo, testamos ao longo de diferentes períodos e locais. Para isso, foram analisadas as dez safras mais recentes (2015/16 a 2024/25) em alguns estados brasileiros representativos pela diversidade de cenários agrícolas. Encontramos uma boa correlação entre os dados do modelo e a produtividade da Conab (Gráfico 6).

GRÁFICO 6 - RELAÇÃO ENTRE A PRODUTIVIDADE DE SOJA RESULTANTE DO MODELO EXPONENCIAL E A DIVULGADA PELA CONAB NO RIO GRANDE DO SUL E NA BAHIA

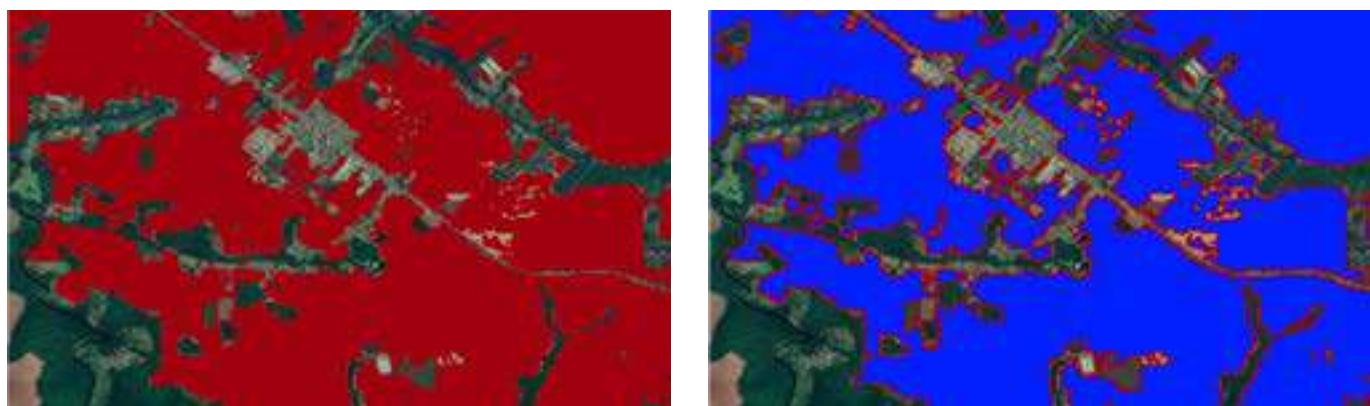


Fonte: Conab..

Com isso, decidimos aplicar o modelo em todo o Brasil. Para tal, necessitávamos de mapas de soja das regiões produtoras de todo o Brasil. Os mapas de soja utilizados foram produzidos pelo projeto Commodity Crop Mapping and Monitoring in South America (<https://glad.geog.umd.edu/projects/commodity-crop-mapping-and-monitoring-south-america>), do Global Land Analysis and Discovery (GLAD), com resolução espacial de 30 m. Esses mapas serviram como base para identificar as áreas de plantio e assegurar a qualidade das análises.

Para aumentar a qualidade e a precisão do mapa de soja, foram aplicados procedimentos de pré-processamento. A primeira etapa consistiu na remoção de todas as bordas dos polígonos mapeados (Figura 5). Embora o talhão agrícola, em geral, apresente uma homogeneidade espectral, as bordaduras frequentemente possuem características espectrais distintas, que podem introduzir erros nas análises.

FIGURA 5 - REMOÇÃO DE BORDAS DOS POLÍGONOS DO MAPA DE SOJA



Legenda: vermelho equivale ao mapa original e azul o mapa resultante após remoção das bordas.

Fonte: Conab.

Essa diferença ocorre porque, nas bordaduras, há sobreposição de linhas de plantio, resultando em maior densidade de plantas por metro quadrado e, consequentemente, maior aplicação de insumos, como fertilizantes. Além disso, essas áreas frequentemente funcionam como zonas de retenção ou

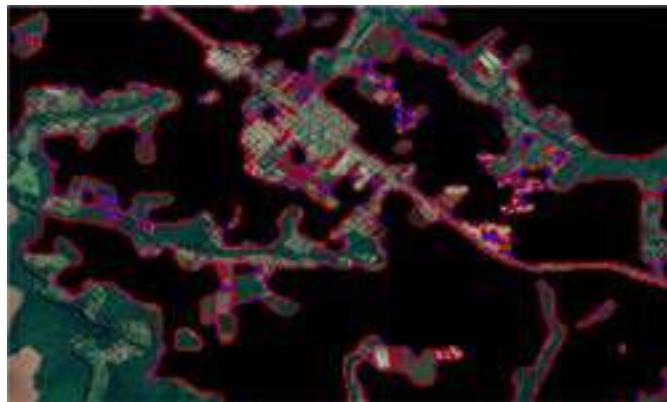
remanescência de fungicidas, o que pode alterar o desenvolvimento das plantas em relação ao restante do talhão.

Além das questões intrínsecas à bordadura, há também um aumento da mistura espectral com elementos externos que fazem divisa com os talhões agrícolas, como estradas, áreas de vegetação nativa ou outros alvos que não correspondem à soja. Este fenômeno é particularmente problemático em análises espetrais, pois pode levar a falsos positivos ou a interferências na classificação.

Para corrigir essas inconsistências, foi implementado um filtro de borda que removeu essas áreas, reduzindo a influência de padrões espetrais anômalos e minimizando a contaminação por elementos não relacionados à cultura da soja. Esse procedimento foi essencial para garantir a representatividade e a confiabilidade dos dados, permitindo análises mais precisas e robustas.

Para garantir maior precisão e confiabilidade nos dados analisados, aplicamos um filtro de erosão utilizando uma janela de 3x3 pixels no mapa GLAD, com o objetivo de remover inconsistências e minimizar a inclusão de pixels que não representavam efetivamente áreas de soja (Figura 6). Esse procedimento foi essencial para reduzir erros de classificação, eliminando pequenos polígonos que poderiam corresponder a falhas de mapeamento ou áreas não destinadas ao cultivo de soja. Além disso, ele permitiu mitigar a confusão espectral, especialmente em áreas agrícolas menores que 30 hectares, frequentemente utilizadas para o cultivo de feijão ou outras culturas de espectro similar à soja, o que poderia gerar falsos positivos. Assim, priorizamos uma amostra confiável de soja, excluindo áreas que não representavam com precisão o cultivo.

FIGURA 6 - REMOÇÃO DE POLÍGONOS PEQUENOS

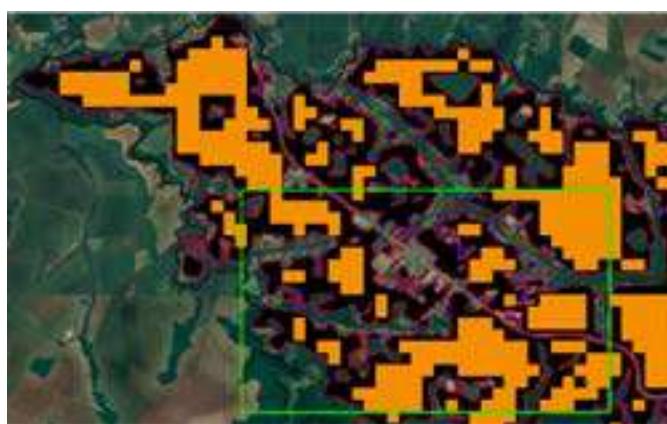


Legenda: vermelho representa as bordas, azul os pixel removidos e preto o mapa final.

Fonte: Conab.

Para alinhar os mapas de soja do GLAD (30 m) com os padrões de resolução do sensor MODIS (250 m), foram realizados ajustes na resolução espacial. Essa etapa foi necessária para reduzir discrepâncias espaciais, onde apenas os pixels MODIS de 250 x 250 m totalmente contidos nas áreas mapeadas pelo GLAD foram considerados, e assegurar consistência espectral, uma vez que esse redimensionamento eliminou problemas de mistura espectral com outros alvos, garantindo maior precisão na integração dos dados. O resultado desses ajustes foi a criação de uma máscara MODIS de áreas de soja, com resolução espacial de 250 m, alinhada à base original de mapas GLAD (Figura 7). Esse procedimento permitiu estimativas mais confiáveis e consistentes ao longo das regiões e safras analisadas.

FIGURA 7 - FILTRAGEM DOS PIXELS PUROS DE SOJA



Legenda: laranja equivale aos pixels puros de soja.

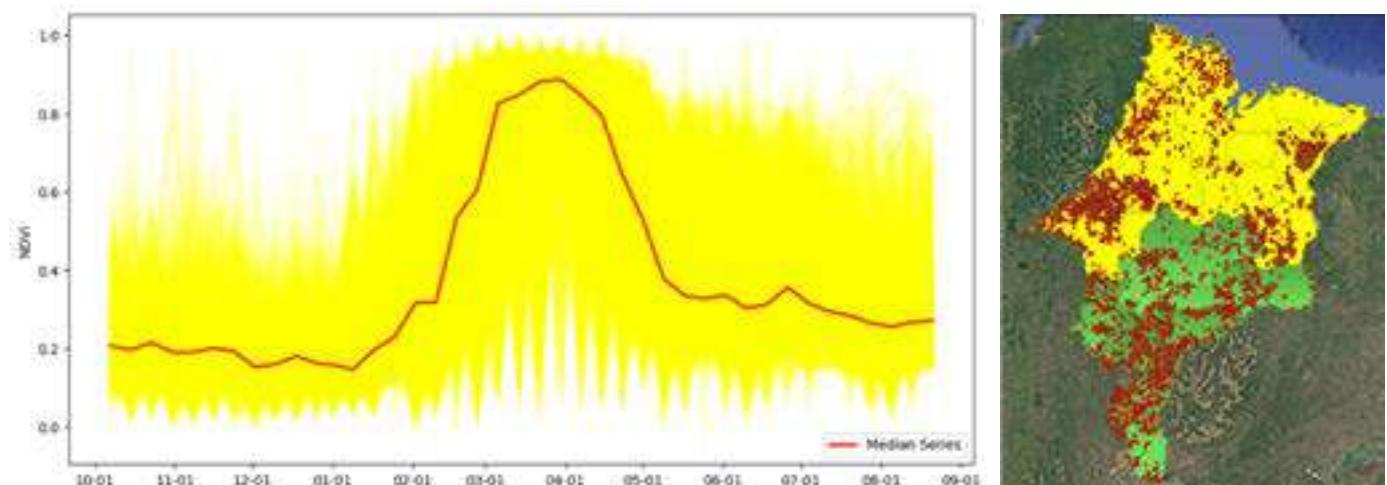
Fonte: Conab.

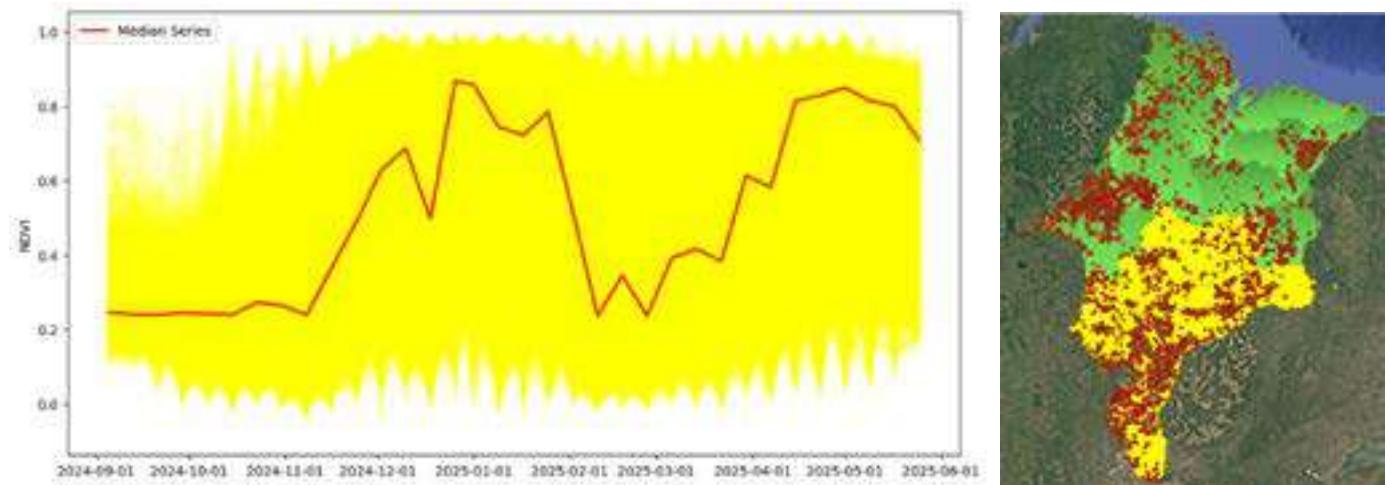
APLICAÇÃO DO MODELO EM DIFERENTES REGIÕES E ANOS-SAFRA

Após a definição da função que relaciona a produtividade com os valores de NDVI ($y = 10,04 * \exp(6,49 * x + 5,756)$), onde x representa o valor do NDVI, o próximo passo foi aplicar esse modelo para estimar a produtividade da soja em escala nacional. Para isso, o Brasil foi analisado estado por estado, levando em consideração o calendário agrícola específico de cada região.

O calendário agrícola no Brasil é extremamente dinâmico e apresenta variações significativas, não apenas entre os estados, mas também dentro de uma mesma Unidade da Federação. Estados como o Pará e o Maranhão, devido as suas vastas faixas de latitude, possuem calendários distintos para as regiões norte e sul, sendo influenciados por diferenças climáticas, edafoclimáticas e estratégias regionais de manejo agrícola. No caso do Maranhão, por exemplo, o calendário agrícola da soja na região sul ocorre de dezembro a julho, enquanto na região norte é de outubro a abril (Figura 8).

FIGURA 8 - CALENDÁRIO AGRÍCOLA DAS REGIÕES NORTE E SUL DO MARANHÃO





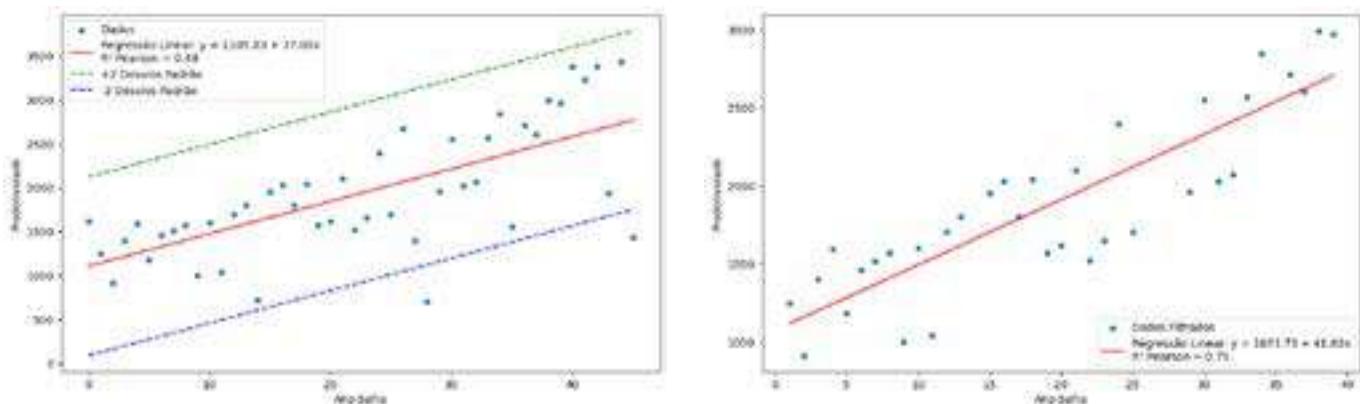
Fonte: Conab.

Essas variações são especialmente relevantes, pois ignorar as diferenças intrarregionais no calendário agrícola pode levar a inconsistências importantes nos resultados. Por exemplo, se o modelo considerar o pico vegetativo da segunda safra, em vez da safra principal, erros significativos podem ser introduzidos na análise. Esse problema é agravado em regiões onde o cultivo em safrinha ou safras múltiplas é comum, pois o NDVI da vegetação remanescente ou de outra cultura poderia ser capturado equivocadamente.

Em seguida, aplicamos o modelo em todas as áreas de soja dos estados produtores avaliados. Entretanto, o modelo desenvolvido até aquele momento considerava apenas o valor do NDVI. Embora o NDVI seja uma métrica poderosa para expressar o volume de biomassa e a atividade fotossintética da soja (influenciada pelas condições climáticas, visto que se trata de uma cultura de sequeiro), reconhecemos que ele não incorporava o ganho tecnológico intrínseco da cultura. Mesmo sob as mesmas condições climáticas, a soja apresenta aumentos de produtividade ano após ano, principalmente devido a avanços tecnológicos, como o desenvolvimento e o uso de novas variedades.

Considerando que os dados de campo disponíveis eram da safra 2021/22, calculamos o ganho tecnológico médio baseado na série histórica da Conab anterior a essa safra, ou seja, da safra 1976/77 a 2021/22 (Figura 10). Para isso aplicamos uma regressão linear, utilizando as séries históricas de produtividade da Conab para cada estado, removendo previamente os valores considerados outliers (aqueles com mais de 2 desvios-padrão em relação à média) (Figura 10). A regressão nos forneceu o coeficiente angular (b) da equação linear ($y = a + bx$), que representa o ganho médio anual de produtividade devido ao avanço tecnológico (Figura 9).

FIGURA 9 - CORRELAÇÃO LINEAR ENTRE PRODUTIVIDADE E ANO-SAFRA



Fonte: Conab.

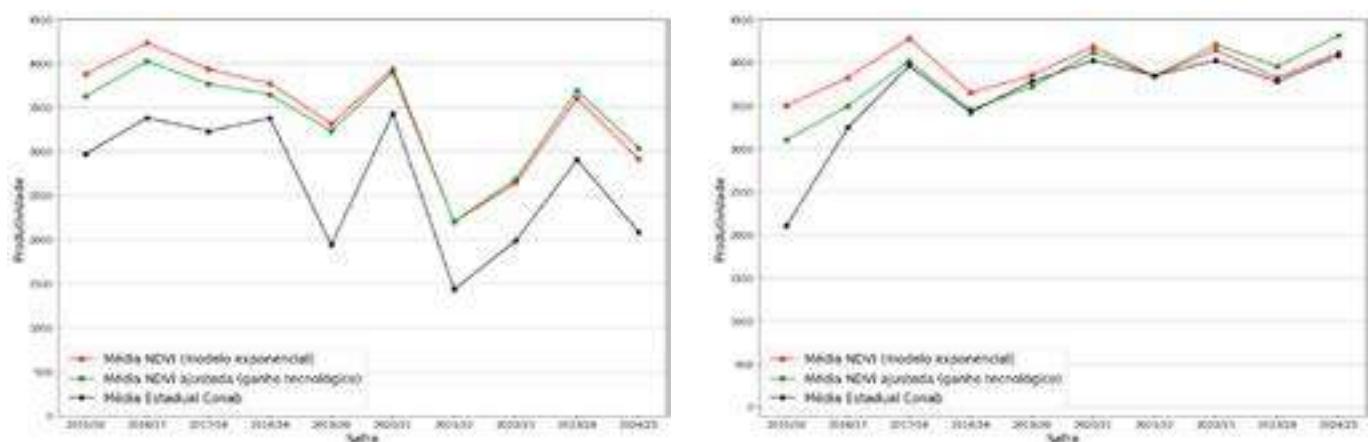
FIGURA 10 - GANHO TECNOLÓGICO DA SOJA NO BRASIL (1976/77-2021/22)



Fonte: Conab.

Com o ganho tecnológico médio calculado até a safra 2021/22, ajustamos as estimativas do modelo para anos anteriores e posteriores a essa safra da seguinte forma: para anos anteriores a 2021/22, subtraímos o valor do ganho tecnológico, para anos posteriores a 2021/22, o valor do ganho tecnológico foi somado à produtividade estimada (Gráfico 7).

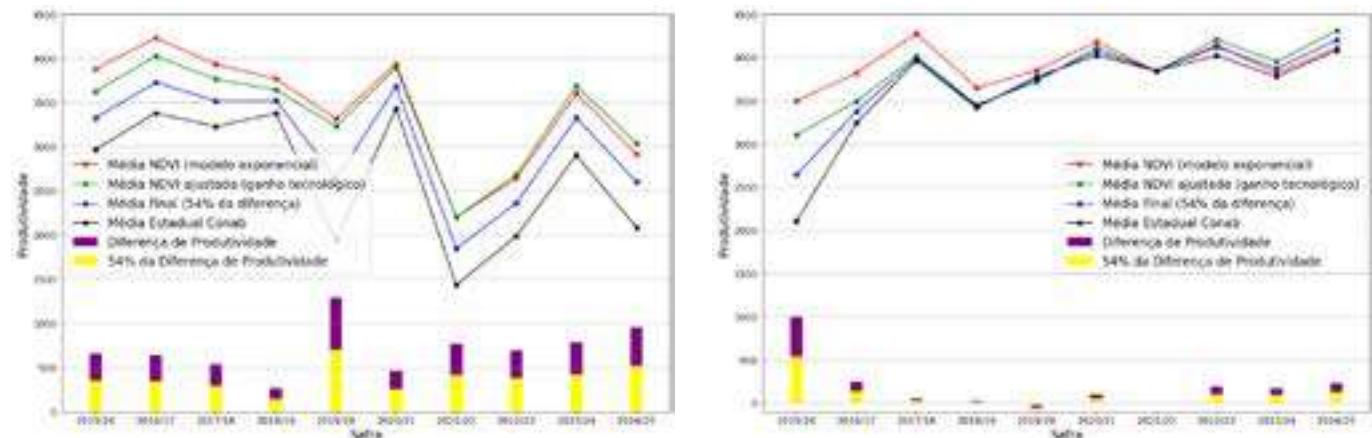
GRÁFICO 7 - RELAÇÃO ENTRE A PRODUTIVIDADE DE SOJA AJUSTADA PELO GANHO TECNOLÓGICO E A DIVULGADA PELA CONAB NO RIO GRANDE DO SUL E NA BAHIA



Fonte: Conab.

Como o modelo explica 54% da variação da produtividade da soja ($R^2 = 0,54$), as produtividades resultantes do modelo foram ajustadas, considerando a diferença relativa em relação à Conab. Se a produtividade do modelo for inferior à da Conab, ajustamos 54% da diferença para reduzir a produtividade da Conab. Se a produtividade do modelo for superior à da Conab, somamos 54% da diferença à estimativa da Conab. A produtividade final foi definida como a média entre as estimativas do modelo ajustado e das produtividades atuais reportadas pela Conab (Figura 13).

FIGURA 11 - RELAÇÃO ENTRE A PRODUTIVIDADE DE SOJA AJUSTADA (54% DA DIFERENÇA) E A DIVULGADA PELA CONAB NO RS E NA BA



Fonte: Conab.

A metodologia aqui revisada representa um avanço importante no uso do sensoriamento remoto para estimativas agrícolas. Ao calibrar um modelo exponencial entre produtividade e NDVI e, na sequência, combinar a produtividade modelada com a estimativa corrente da Conab por meio de uma média, assegura-se o equilíbrio entre detalhe espacial e informações empíricas. Dessa forma, respeita-se a estrutura espacial capturada pelo modelo, incorpora-se o ganho tecnológico refletido nas estimativas atuais e reduz-se o risco de superestimações em safras recordes e de subestimações em safras adversas. O resultado é um conjunto de estimativas mais consistente, transparente e útil para o acompanhamento da safra de soja no país.



MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO E
AGRICULTURA FAMILIAR

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO